

ILUSTRAÇÃO



4.º ANO
NÚMERO 82

Lisboa, 16 de Maio de 1929

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

PREÇO

4\$00

Os perfumes
"NALLY,"
 em elegantísimos
 frascos e caixas
 de luxo, são o mais
 requintado presente
 que pode oferecer-se



Pedidos á
 SECÇÃO de PERFUMARIA da
EVA
 Largo Trindade Coelho, 10. — LISBÕA

BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS



NO REINO DO PRODIGIO

DE

HENRIQUE MARQUES JUNIOR

É um formoso livro de contos, que, com lindas e sugestivas ilustrações, representa para todas as crianças portuguesas horas de deliciosa distração e para as mães carinhosas o melhor e mais útil presente que podem oferecer aos seus filhos pequeninos

Preço 5\$00

À VENDA NA LIVRARIA
 DO "DIÁRIO DE NOTÍCIAS"
 Largo Trindade Coelho, 10 e 11
 (antigo Largo de S. Roque).

LIVRO PARA TODAS AS ESTANTES



A

HISTORIA ECONOMICA DE PORTUGAL

PELO PROFESSOR

sr. dr. **Francisco António Correia**

É a única obra, em Portugal, que, numa profunda e utilíssima investigação histórica, estuda todas as fontes da riqueza nacional e todos os factos que, no decurso de muitos séculos, levaram à formação de uma economia nacional. É um livro precioso para os eruditos e para aqueles que se preocupam com a história pátria, um livro que deve figurar nas estantes das boas bibliotecas

Preço 20\$00



À VENDA NA LIVRARIA DO DIÁRIO DE NOTÍCIAS,
 Largo de Trindade Coelho
 (antigo largo de S. Roque), n.º 10 e 11.

OS GRANDES HOTEIS EUROPÊUS



MULTIGRAPH

DUPLICADORES ELECTRICOS E MANUAES PARA IMPRESSÃO DE CIRCULARES, RELATORIOS, ORDENS DE SERVIÇO ETC. PODENDO TAMBEM SER UTILISADOS PARA TRABALHOS TYPOGRAPHICOS.

O MAXIMO DE RENDIMENTO COM O MINIMO DE TRABALHO



Pedir detalhes aos
AGENTES GERAES



THE MODERN OFFICE LTD.
107, Rua do Alecrim — Tel. T. 66 — LISBOA



.. REO ..



AS SUAS BODAS DE PRATA

**25 ANOS DE ESTUDO,
DE TRABALHO, DE APERFEIÇOAMENTO**

Fundada em 1904, a "REO MOTOR CAR COMPANY," é quasi tão antiga como a propria industria automobilista.

Estabelecida, desde o principio, sobre uma base economica firme (500.000 dollars foi o capital inicial) a "REO," é hoje uma das mais prosperas Companhias nesta industria, não tendo um só centavo comprometido em dividendos, hipotecas ou juros de qualquer especie.

A "REO," tem sempre obedecido a este são principio:

NÃO SACRIFICA A QUALIDADE Á QUANTIDADE

Os automoveis "REO," distinguem-se por um character, uma beleza, um estilo, um conforto e suavidade de funcionamento, que honram a tecnica e o espirito de progresso dos seus engenheiros.

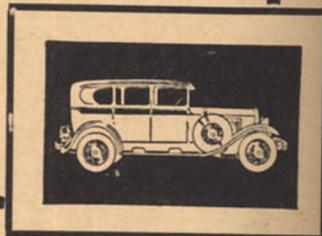
CONTRERAS & GARRIDO, L.^{DA}

AVENIDA DA LIBERDADE, 165-171

Telef. N-789 LISBOA

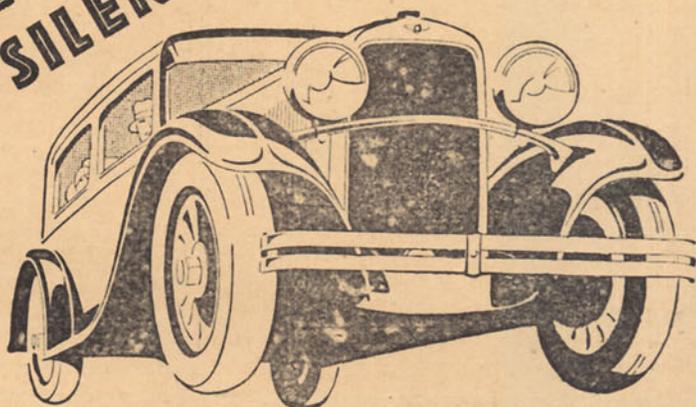


UM "REO," DE 1904



UM "REO," DE 1929

**© NOVO
DODGE BROTHERS SEIS
FORTE - SILENCIOSO - DURAVEL**



A casa Dodge Brothers, famosa desde ha tanto tempo pela força, solidez, e perfeição mecânica dos seus carros, acaba de espantar e entusiasmar todo o mundo com a seu ultimo carro "Dodge Brothers Seis."

Um chassis ideado para poder em toda a sua extensão correr suave e silenciosamente. Uma machina dotada de seis cylindros assentes sobre borracha. Veio de manivella com sete chumaceiras. Embolos de tirante Invar. Engrenagens de faces grandes. Um modelo revolucionario de caixa de carro que apesar do uso e do tempo sempre se conservará silencioso, sem fazer nenhum ruido. A caixa de carro "Mono-peça." Sem juntas. Rigida. Espaçosa. Construída dentro do proprio chassis para tornar o carro inteiro ainda mais estavel. Ide ver, hoje mesmo, um dos modelos do Dodge Brothers Seis, no armazem d'um dos negociantes. Assentai-vos lá dentro. Examinai bem cada detalhe e ficareis convencido que é este o carro mais espaçoso, e mais elegante que a casa Dodge Brothers até hoje tenha construido.

**PROVAI
O NOVO
CARRO**

**DODGE BROTHERS
SEIS**

BERNARDINO CORREA & CIA, 1 AV. DA LIBERDADE, LISBOA

DODGE BROTHERS' MOTOR CARS, PRODUCT OF CHRYSLER MOTORS, DETROIT, MICHIGAN

Chrysler

O AUTOMOVEL DE INCOMPARAVEL VALOR...
O NOME DE INDISCUTIVEL GARANTIA...

PARIS PARA AS MODAS!...

CHRYSLER PARA OS AUTOMOVEIS!...

AGENTE GERAL
A. BEAUVALET
Rua 1.º de Dezembro
LISBOA

DISTRIBUIDOR NO NORTE
ANGEL BEAUVALET
Rua de Santa Catharina
PORTO



RARE
Nada mais delicioso, mais suave,
mais perturbador e persistente
do que es perfumes RARE de
GELLÉ FRÈRES - PARIS
Linda apresentação.
Escolhei o que fôr mais do
vosso gosto :
Chypre - Narcisse - Rose - Violette
Lilas - Muguet - Hélotrope - Jasmin
Eillet.
**TODAS AS FLORES
TODOS OS PERFUMES.**
Venda em todas as boas Casas
AGENTES GERAIS STETTEN & C. LIDA 119, RUA DA MADALENA LISBOA

RAINHA DA HUNGRIA

OS MELHORES PRODUCTOS
PARA OS CUIDADOS DA PELE

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Directora: MADAME CAMPOS
Avenida, 35 - Telefone Norte 3641 - LISBOA

HA SÓ UMA MARCA DE DISCOS

A "His Master's Voice"

INEGUALAVEIS NA SUA PERFEIÇÃO

OS DISCOS DESTA MARCA REUNEM TODAS AS QUALIDADES!

POR ISSO CONSIDERADOS OS MELHORES EM TODO O MUNDO!

OIÇAM A COLEÇÃO DE DISCOS PORTUGUÊSES,
OS MAIS BEM GRAVADOS, OS MAIS BEM ESCOLHIDOS



AGENTES GERAES

GRANDE BAZAR DO PORTO, L.^{DA}

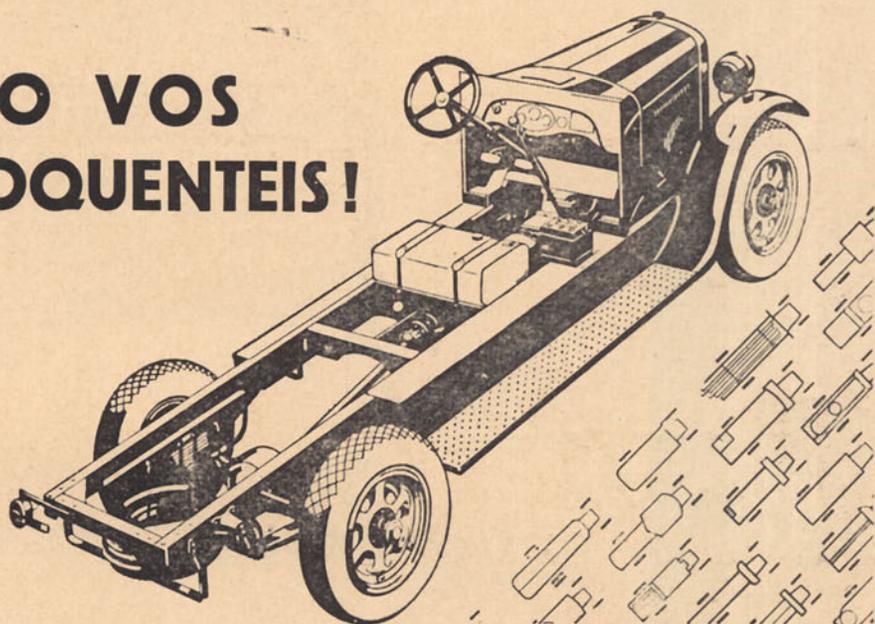
LISBOA — Rua Augusta, 150, 152

PORTO — Rua St.ª Catarina, 192, 198

No GRANDE CAFÉ NACIONAL, todos os dias excelentes concertos com o REPRODUCOR-ELECTRICO,
«HIS MASTER'S VOICE» e com um selecto repertorio de discos desta afamada marca.

**SÃO MÁAS AS ESTRADAS?
SÃO PESADAS AS CARGAS?**

**NÃO VOS
APOQUENTEIS!**



**DEIXAI TUDO ISSO ÀS CAMIONETTES
DODGE BROTHERS**

Construídas para trabalhar e trabalhar continuamente, em toda a especie de serviços que lhe possam dar. Com cargas pesadas, por caminhos maus, por ladeiras ainda que íngremes, elas lá vão sempre andando com rapidez e segurança, certas de lá chegarem. São assim as camionettes Dodge Brothers!

Sempre prontas, com o seu potente motor de 6 cilindros, cuja cambota é apoiada em sete pontos.

Construídas para durar, com aços da melhor liga e aço cromo-vanadio nos pontos principais — o melhor aço até hoje conhecido. Confiança e despreocupação

absolutas mesmo onde o transitio seja enorme, pela acção suave ainda que instantanea dos seus travões hidraulicos às 4 rodas.

São assim as camionettes Dodge Brothers!

Ha camionettes Dodge Brothers para as necessidades de cada um, com mais de 40 tipos de carroseries adequadas a um certo e determinado uso.

Digam-nos as vossas necessidades e nós lhes apresentaremos uma camionette Dodge Brothers que fará o vosso serviço com rapidez, economia e com segurança absoluta.

BERNARDINO CORREA & CIA, 1 AV. DA LIBERDADE, LISBOA

DODGE BROTHERS' TRUCKS, PRODUCT OF CHRYSLER MOTORS, DETROIT, MICHIGAN



A vida é um jogo em que a saúde é o trunfo.

Da saúde depende a nossa energia, o nosso bom humor e bom éxito, não havendo saúde perfeita sem o bom funcionamento do aparelho digestivo. Para o conseguir não ha como tomar diariamente ENO's "Fruit Salt" preparação salina efervescente, idealmente pura. ENO é o reparador familiar, por excelencia, dos inconvenientes das más digestões; laxativo muito suave, mantém as condições de limpeza e regularidade necessarias á boa saúde.

Uma colher das de café num copo d'agua, de manhã e á noite.

Depositarios em Portugal:
ROBINSON, BARDSLEY & Co. Ltd.
8, Caes do Sodré, Lisboa.

As palavras "Fruit Salt" - "Sal de Fructa" e ENO, assim como o rotulo, são marcas da fabrica registada.

SAL de FRUCTA

ENO

FRUIT SALT

MAGAZINE

BERTRAND

CONTINUA A MANTER

A SUA SUPREMACIA

VEJAM O NÚMERO DE MAIO

COLECCÃO BARATA

O RÉCORD

DA EDIÇÃO DE LUXO DE OBRAS DE VALOR DE AUTORES DE NOME POR PREÇOS POPULARES

UM VOLUME MENSAL MAGNÍFICO PAPEL CAPA A CORES MUITOS CENTOS DE PÁGINAS

PREÇO: 4 ESCUDOS

ROMANCES ESCOLHIDOS ENTRE AS OBRAS PRIMAS DA LITERATURA MUNDIAL, ROMANCES DE AMOR, DE AVENTURAS, ROMANCES REALISTAS, IDEALISTAS OU DE ESTUDO PSICOLÓGICO, NOVELAS POLICIAIS OU DE MISTÉRIO. OS MELHORES NOMES DA LITERATURA PORTUGUESA E EXTRANGEIRA

PRIMEIRO VOLUME DA "COLECCÃO BARATA"

ATLANTIDA a obra prima de PIERRE BENOIT

MARAVILHOSO ROMANCE DE MISTÉRIOS, PAIXÕES E AVENTURAS NO SAHARÁ

TÓDAS AS CORRENTES LITERÁRIAS, DE TODOS OS PAÍSES, REPRESENTADAS PELAS SUAS OBRAS MAIS EMOTIVAS REEDIÇÕES DE CLASSICOS

EDIÇÕES DE AUTORES NOVOS

EDITORES: LIVRARIAS AILLAUD & BERTRAND

COLECCÃO BARATA

A SENSACÃO DE DUAS ALTAS VELOCIDADES

(Mudança de Quatro Velocidades, Mudança *Standard*)

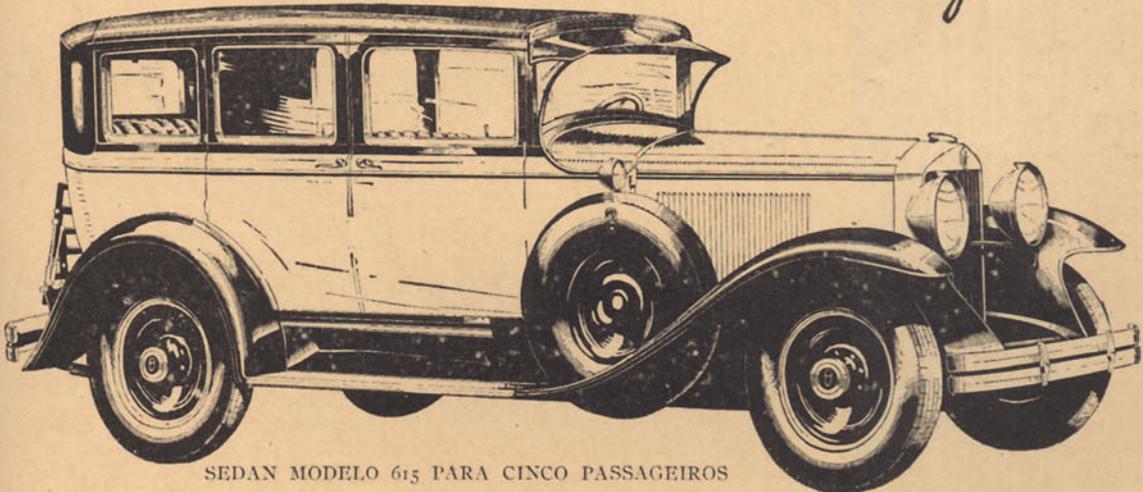


A Graham-Paige oferece uma grande variedade de carrocerias, incluindo Roadsters, Cabriolets, Coupés e Carros de Turismo em cinco chassis diferentes, de seis e de oito cylindros — a preços diversos. Todos são equipados com a mudança de quatro velocidades, excepto o modelo 612.

DENTRE os carros de alta classe os Graham-Paige de seis e de oito cylindros são distinguidos pelo surpreendente funcionamento da sua mudança de quatro velocidades, de comprovada superioridade. Possui duas altas velocidades; sua quarta velocidade (empregada a maior parte do tempo) oferece uma suavidade e velocidade inteiramente novas; a terceira (de engrenagem interna silenciosa) proporciona aceleração rápida no trafego tumultuoso da cidade e em subidas íngremes. A mudança é do tipo *standard* — parte-se em segunda, muda-se para terceira e daí para quarta. A primeira velocidade, mantida em reserva porem disponível a qualquer momento, é raramente utilizada.

Temos um carro á sua disposição para uma experiencia.

*Joseph D. Graham
Robert C. Graham
Ray A. Graham*



SEDAN MODELO 615 PARA CINCO PASSAGEIROS

Representante geral para Portugal: **J. COELHO PACHECO**

21, Avenida da Liberdade, LISBOA — *Salão de-Exposição e Serviço*, 90, Rua Braancamp, 94 — Tel. — (P. B. X.) N. 2595

Agentes no Porto: MANUEL DA SILVA CARMO & C.^{TA} L.^{DA} — 129, Rua de Santa Catarina, 133

GRAHAM-PAIGE

CITROËN



*A elegancia a economia e a resistencia, são
as características dos automoveis Citroën*

AUTOMOVEIS CITROËN S. A. P. R. L. AVENIDA DA LIBERDADE 44-48

LISBOA

AGENTES EM TODO O PAIZ

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
 TIPOGRAFIA
 DA «ILUSTRAÇÃO»
 R. da Alegria, 30 — Lisboa
 REDACÇÃO
 R. Cecílio de Sousa, 77-1.º
 (Ant. R. da Provisão)
 Telef. N. 873

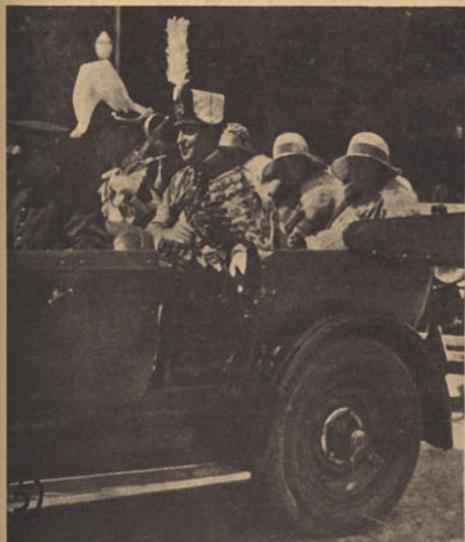
ILUSTRAÇÃO

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE:
 EMPRESA NACIONAL
 DE PUBLICIDADE
 E
 AILLAUD LTD.ª
 ADMINISTRAÇÃO
 R. Diário de Notícias, 78
 Telef. : T. 821 a 824
 16 DE MAIO DE 1929

DIRECTOR-DELEGADO:
 JOÃO DA CUNHA DE RÇA

DIRECTOR:
 JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL



A INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO DE SEVILHA. — 1) A chegada ao recinto de Primo de Rivera e demais membros do governo. — 2) O aparato da guarda de honra ante a tribuna real. — 3) Um momento histórico: El-Rei D. Afonso XIII pronuncia a frase sacramental para a abertura do certame. — 4) Chegada de Suas Majestades Católicas à Praça de Espanha. — 5) Chegada de SS. AA. as Infantas de Espanha. — 6) A iluminação da entrada do certame na primeira noite da Exposição Ibero-Americana

(Fotos Carmona especiais e exclusivas para «Ilustração»)



CRONICA DA QUINZENA

Se não fosse dia de feriado nacional, o 1.º de Maio teria passado despercebido em Lisboa.

Há quarenta anos que em Paris, num congresso socialista, foi resolvido considerar o 1.º de Maio dia de festa do trabalho, dia santo no calendário dos trabalhadores.

Seria, na verdade, interessante que todos os anos, em dia certo, os trabalhadores de todo o mundo proclamassem os mesmos ou idênticos princípios doutrinários, formulassem as mesmas ou idênticas reivindicações, erguessem os mesmos protestos, aduzindo as mesmas queixas — seria como se por cima das fronteiras, mãos amigas se estendessem, apertando-se com afecto.

Não tendo as manifestações operárias carácter agressivo, produzindo-se sem violências desordeiras ou revolucionárias, deviam consenti-las as autoridades constituídas, convindo muito que as tomassem em consideração, medindo-lhes o alcance, as classes privilegiadas, detentoras da riqueza produzida e dos seus meios de produção.

É o que sucede, desde sempre, na Inglaterra.

A autoridade não impede que fale em público quem tenha alguma coisa que dizer, ainda que seja absurdo ou disparate, e muitas vezes acontece realizarem-se ao mesmo tempo, numa grande praça, num recinto público e aberto, comícios variamente concorridos, afirmando-se aqui o que se nega além, a curtos passos de distância. A autoridade deixa cada qual dizer o que entende, algumas vezes também o que não entende, como vulgarmente sucede entre nós. A polícia assiste a essas reuniões, para garantir a ordem, isto é, para garantir aos oradores o direito de falar que lhes é reconhecido na lei, e ao público o direito de ouvir, que além de ser um direito, pode ser uma conveniência. Com relativa frequência se dizem coisas feias ao governo, resvalando algum orador mais desatempado ao insulto grosseiro, visando a magistratura suprema. A polícia faz ouvidos de mercador, isto é, ouve e cala-se. Mas que o comício se converta em desordem, passando-se da violência das palavras à violência dos actos, e então a Ordem impõe os seus direitos, usando da força sem grande parcimonia.

A crise do desemprego não é coisa nova na Inglaterra; sempre ali houve, ora mais, ora menos, gente desempregada, não tendo o facto importância quando não attingia consideráveis proporções, e sempre o remédio, então como agora, consistia em fornecer aos operários à boa vida, contra sua vontade, trabalho remunerado.

Aqui há anos, para citar um só caso dentre muitos que poderíamos citar, algumas cente-

nas de jornaleiros sem trabalho reüniram-se em Londres, reclamando do governo que abrisse trabalhos públicos, evitando assim que eles morressem de fome, ou precisassem estender a mão à caridade. A polícia ouviu, e como na *Lágrima*, de Guerra Junqueiro, quedou silenciosa.

Acabado o comício, espalharam-se os manifestantes pela cidade, e para se empregarem nalguma coisa, assaltaram lojas e armazéns, cada qual deitando a mão ao que podia apenhar.

E o que fez então a polícia?

Pôs termo aos assaltos, e remeteu os organizadores do comício para os tribunais, com a acusação de excitarem ao roubo.

O cidadão inglês sabe que a lei não lhe garante a liberdade para abusar dela, incomodando ou molestando os outros, e sabe igualmente a autoridade, legitimamente constituída, que os cidadãos, no uso da sua liberdade, não podem ser por ela incomodados.

Noção bem diversa da liberdade há na maior parte das outras Nações, na França, por exemplo, que é uma República democrática, e na Alemanha, que passou de Império a República imperial. Por isso o 1.º de Maio, em Paris, foi celebrado com centenas ou milhares de prisões preventivas, e foi celebrado em Berlim com fusilaria nas ruas, havendo bastantes mortos, e um número considerável de feridos, alguns com gravidade.

Em Lisboa, como já ficou dito, o 1.º de Maio teria passado despercebido se não fosse dia de feriado nacional. E, contudo, é certo que em Portugal há socialistas, há comunistas, há bolchevistas, representantes de todas as correntes de opinião em matéria de sociologia aplicada. A autoridade não lhes consentiria manifestações ruidosas e tumultuárias; mas bem poderiam, por outra forma, ter celebrado o dia oficialmente consagrado à festa do trabalho.

As desigualdades sociais, de cada vez menores, a despeito das apaixonadas declamações em contrário, são essencialmente um facto histórico, em correlação com particularismos antropológicos, sem valor determinante. A sua correção, levada até aos extremos limites em que é possível corrigir déficits substanciais à natureza humana, não poderá alcançar-se pelo esforço isolado da grande família proletária, mas pela íntima

colaboração de todos, seja qual for a classe a que pertençam, que não trazem o espírito agrilhado a juízos falsos e preconceitos vãos, nem trazem a alma presa a egoísmos ferozes. Bem feitas as contas, o progresso social realizado em benefício dos trabalhadores, na sucessão dos tempos, se em grande parte, na máxima parte, se quiserem, é devido aos seus movimentos insurreccionais, não seria possível se os chamados intelectuais — os filósofos, os sábios, os moralistas, os que mais trabalham com o cérebro que com o músculo, não tivessem alargado os horizontes da vida em termos de não ser o homem apenas um animal que come, mais exigente, a este respeito, que todos os outros animais.

As classes existem, e a evolução das sociedades tem-se feito por maneira que os interesses que elas representam ainda não puderam conjugar-se, se bem que o seu antagonismo tenha vindo a atenuar-se, permitindo a esperança duma harmonia perfeita. Incitar à luta das classes é agravar um conflito que a Natureza tornou possível, e que a História criou, não como Deus criou o mundo, tirando-o do Nada, mas amalgamando os variados produtos duma mentalidade inferior, e estabelecendo uma hierarquia de interesses a brigar com os preceitos da justiça imanente e da moral irrefragável.

Na fase decorrente da civilização, ainda o homem luta contra o homem, porque ainda o *lupus* reage contra as injunções do *sapiens*, para nos servirmos de termos consagrados para marcar a dualidade do pretendido rei da criação; mas se assim sucede no campo das realidades materiais, nos altos domínios do pensamento já se assentou em que o homem não deve lutar contra o homem, mas lutar contra a Natureza, alargando com as conquistas assim realizadas a esfera dos seus conhecimentos e a soma das suas comodidades, tendendo para uma felicidade perfeita.

A luta de classes não pode ter outro resultado que não seja o predomínio dum sobre as outras, e esse predomínio não consagra mas consolida as desigualdades sociais, que são o resultado duma evolução que todos reconhecem viciosa, sem exclusão dos próprios a quem ela mais aproveita.

A solidariedade é a grande virtude social no período histórico que decorre, ao mesmo tempo ideia e sentimento, e quem diz solidariedade diz concordância, diz harmonia, diz sistematização de forças desiguais actuando na mesma direcção e no mesmo sentido, produzindo efeitos úteis para a comunidade, a luta entre os indivíduos sendo apenas o empenho de cada qual em melhor e mais largamente contribuir para o bem comum.

ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

A ABERTURA DA EXPOSIÇÃO IBERO-AMERICANA DE SEVILHA

A solene inauguração da Exposição de Sevilha, verificada no dia nove d'este mês, tem um significado importantíssimo para as relações de Espanha com Portugal e com os países americanos.

Espanha, que há já muito tempo vem demonstrando uma especial amizade por Portugal, está hoje em festa com motivo da inauguração desta Exposição, que virá aumentar e estreitar os laços de amizade com Portugal e Brasil, países que são considerados como irmãos queridos, e com as nações da América do Sul, a quem a Espanha recebe como filhas amorosas que se aproximam da Mãe e lhe oferecem todo o seu amor e gratidão.

A Exposição de Sevilha tem a sua origem no ano de 1908, em que um ilustre oficial do Exército organizou umas festas com o título de Espanha em Sevilha. Este ilustre militar, que foi o sr. Rodriguez Caso, organizou umas brilhantes festas patrióticas e aproveitou esta ocasião para expor a sua iniciativa de celebrar uma Exposição Hispano-Americana em Sevilha.

Passou o tempo e quando o ilustre general Primo de Rivera chegou ao Poder, aceitou a iniciativa e começou a organização efectiva desta Exposição, que recebeu o título de Ibero-Americana, para que nela pudessem entrar também dois países queridos de Espanha e que tanto contribuíam, um d'elles, para a civilização e descoberta de continentes e ilhas desconhecidas.

Estes dois países eram Portugal e Brasil. Os dois países irmãos, tão unidos por vínculos de sangue e amizade agradeceram o convite que lhes foi dirigido pelo ilustre Presidente do Governo Espanhol e vieram a Sevilha para dar a conhecer a sua riqueza moral, material e artística e demonstrar todo o seu labor de séculos e séculos, civilizando países, contribuindo para a riqueza mundial com a importância adquirida pela indústria e comércio nas colónias que Portugal tem derramadas pelo mundo inteiro.

Era preciso que Portugal mostrasse aos espanhóis e estrangeiros que hão-de visitar esta Exposição, que é o terceiro Império Colonial do mundo, e que longe de ter as suas colónias e possessões ultramarinas ao abandono, como muita gente supõe, estas florescem e conseguem ter cidades como Lourenço Marques, cujo porto é um dos primeiros da África. Isto foi o que se

tratou de demonstrar e conseguiu-se totalmente nessa magnífica sala das Colónias do Pavilhão de Portugal, onde há mais provas do estado actual da riqueza das colónias de Portugal.

Ao meio-dia de um magnífico dia de Maio sevilhano, inaugurou-se solenemente esta Exposi-

ção em Madrid, e as representações diplomáticas estrangeiras. Em lugar de honra estavam o ilustre ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, sr. Quintão Meireles, acompanhado do sr. Embaixador de Portugal e suas Ex.^{mas} esposas.

A divisão naval portuguesa, composta pelo cruzador «Vasco da Gama», em que veio o sr. ministro dos Negócios Estrangeiros com a sua esposa, e os contra-torpedeiros «Tâmega»,



Contingente de Marinha Portuguesa chegando ao recinto da Exposição

ção que durante o tempo que estiver aberta, será visitada por gente do mundo inteiro.

A inauguração foi feita por SS. MM. os Reis de Espanha e Família Real. O recinto da Praça de Espanha, com ser enorme, resultava insignificante para o número de pessoas que queriam assistir. Fizeram-se convites especiais, e houve um espaço destinado para o público em geral, até onde chegavam os ecos dos discursos por meio de alta-vozes convenientemente instalados.

Na tribuna real estavam SS. MM. o Rei e a Rainha, as belíssimas Infantas e Infantes e Príncipes de Espanha. Também estava o general Primo de Rivera e todo o governo, exceptuando o ministro do Interior, que ficara

«Vouga» e «Guadiana», mandou uma companhia de Marinha com bandeira e música que prestou honras aos Reis e esteve situada em lugar preferente no recinto da Praça de Espanha.

SS. MM. os Reis e o Chefe do Governo, general Primo de Rivera, foram recebidos à sua chegada com grandes aplausos, pelos muitos milhares de pessoas que havia na Praça de Espanha e no trajecto.

SS. MM. chegaram em carruagens descobertas à «Grande Daumont» e escoltados pela Escolta Real. Seguiam a carruagem dos Reis, outras em que iam as Infantas, Família Real e séquito palatino. A bandeira de Portugal ondeava ao lado da de Espanha, e o general Primo de Rivera no seu discurso ao referir-se a Portugal demonstrou e fez públicas as admiráveis relações que havia entre os dois países irmãos pela proximidade e pela raça, e também pelo carinho. Também o discurso do director da Exposição, sr. Cruz Conde, foi muito aplaudido, e foi um discurso interessantíssimo, estudando a História da Civilização na América. Terminou a solenidade depois do sr. Arcebispo ter abençoado a Exposição, com as seguintes palavras do Rei de Espanha: «Fica inaugurada a Exposição Ibero-Americana de Sevilha». Então foi tocado e cantado o Hino da Exposição pelas Bandas Municipais de Madrid e Sevilha e os orfeões vascos e regionais. Várias esquadras de aviões andaram voando sobre a Praça de Espanha, entre elles os três hidros portugueses que acompanharam a nossa divisão naval, e que eram recebidos com grandes aplausos quando o povo divisava a Cruz de Cristo, emblema heróico de Portugal no mar e nos ares.



Visita do Ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal ao Pavilhão Português, no dia da inauguração

Tódas as pessoas portuguesas com quem tenho falado estão encantadas com a recepção que lhes foi feita oficialmente e particularmente. O cruzador «Vasco da Gama», em que cheguei na véspera da inauguração o ilustre ministro dos Negócios Estrangeiros, bem como a Divisão Naval que o acompanhava, composta dos contra-torpedeiros «Tâmega», «Vouga» e «Guadiana», foram recebidos pelas autoridades espa-



No claustro do Pavilhão de Portugal. — S. M. D. Afonso XIII levando à direita o nosso ministro dos Negócios Estrangeiros e à esquerda o comissário geral da Exposição, sr. Cruz Conde

nholas que de manhã tinham ido receber também o ilustre Embaixador de Portugal em Madrid, Ex.^{mo} Sr. Melo Barreto, que veio acompanhado de sua distinta esposa.

A receber o sr. Quintão Meireles acudiu uma companhia do Regimento de Granada com bandeira e música, que foi revistada pelo sr. Ministro a pedido, e acompanhado do general que tinha ido esperá-lo em representação do Infante D. Carlos, capitão-general de Andaluzia. Madame Melo Barreto ofereceu um bonito ramo de flores a Madame Quintão Meireles. Os srs. Embaixadores hospedam-se no maravilhoso Hotel Afonso XIII, bem como o sr. Ministro e sua esposa que são hóspedes do governo espanhol.

Dizia-me um dos oficiais de marinha, que estão cá actualmente, que estavam encantados da gente de Sevilha. Todos, tanto militares como civis, os cumprimentavam amavelmente e tinham com eles toda a classe de atenções, o mesmo sucedendo nos bailes de sociedade e festas a que foram convidados.

Nesta efusão das diversas classes sociais, pelos portugueses é que se vê o verdadeiro carinho que há entre os dois países que é preciso que se conheçam melhor ainda do que até aqui. Todos os portugueses que visitam Espanha são encantados deste país, e é preciso que nos espanhóis lhes aconteça o mesmo quando visitam Portugal, pois isso contribuirá para o maior estreitamento de relações de amizade e de conhecimento recíproco.

Perante a grandeza e brilhantismo desta Exposição, é nosso dever citar alguns nomes que têm contribuído para a realização da ideia magna deste certame.

Primeiramente o sr. Cruz Conde, director da Exposição, merece toda a nossa simpatia e admiração porque foi ele quem deu o impulso necessário e conseguiu realizar o que parecia uma coisa impossível e hoje é um facto. Ele pessoalmente se tem ocupado de todos os detalhes e estudando e viajando trouxe para Sevilha tudo o que de mais interessante viu na Europa, e a ele deve muito Sevilha, que saberá agradecer o entusiasmo que por esta maravilhosa terra teve sempre o ilustre patricio D. José Cruz Conde.

Também o sr. Díaz Moler, Presidente da Câmara, tem trabalhado consideravelmente para ver realizado brilhantemente o Certame de que hoje se fala no mundo inteiro, e o mesmo digo do secretário geral da Exposição, sr. Apellaniz, homem novo e cheio de ilusões, que dedicou todos os seus entusiasmos à Exposição.

Dos artífices da Exposição primeiramente temos que citar o sr. D. Aníbal Gonzalez, autor do Palácio de Espanha e dos Palácios de Arte e

Rial na Praça da América, e também ao sr. Vicente Traver, actual engenheiro-director da Exposição, homem novo também, e autor do edificio do Pavilhão de Sevilha (Teatro-Casino), que é de uma magnificência e arte poucas vezes vistas. Também o architecto sr. Talavera e Heredia tem uma representação artística brilhante como autor do Palácio da Agricultura que está merecendo muitos elogios.

No dia seguinte à inauguração, ou seja no dia 10, foi visitado e inaugurado solenemente pelo Rei o Pavilhão de Portugal, primeiro dos Pavilhões estrangeiros visitados por SS. MM. os Reis.

Antes tinham chegado ao Pavilhão, que, como se sabe, está admiravelmente situado, o general Primo de Rivera para esperar a chegada do Rei e da Rainha que vieram acompanhados do seu séquito. Uma companhia de marinha portuguesa com bandeira, apresenton armas à chegada de SS. MM. os Reis, que foram recebidos pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, sr. Quintão de Meireles; Embaixador de Portugal, sr. Melo

Barreto; Consul, Comissário na E. I. A., sr. Silveira e Castro; Engenheiro sr. Jácome de Castro, Architectos srs. Rebelo de Andrade, Engenheiro sr. dr. Fragateiro, lente catedrático da Escola Superior de Agronomia e director da Sala das Colónias, alto pessoal do Commissariado, ilustres personalidades portuguesas que estão actualmente em Sevilha e alguns expositores.

Suas Majestades visitaram todo o Pavilhão, elogiando-o grandemente, e mostrando um grande interesse por tudo.

A saída foram despedidos com as mesmas honras.

O Governo Português pode sentir-se satisfeito com o êxito conseguido por Portugal com o seu Pavilhão nesta magnífica Exposição, onde há magníficos palácios, mas entre todos os estrangeiros, não exageramos afirmando que o de Portugal é um dos melhores, senão o melhor. Exteriormente chama a atenção pelo seu tamanho e pela frontaria, que é realmente interessante, com a sua janela bellissima, tendo por cima o escudo de Portugal, com as duas galerias que estão a cada lado da porta principal, que é sumptuosa, e com a cúpula que forma o todo estilo D. João V, e que é um acerto architectónico.

Entrando, a primeira sala é magnífica, tendo no teto pintados os escudos das provincias de Portugal e Colónias, e mobilada com móveis antigos trazidos dalguns museus regionais.

Passando às salas de industria vê-se o estado avançado da nossa industria, e numa outra sala dedicada aos mais famosos vinhos do Porto, há as marcas destes vinhos, e ao lado um Bar para prová-los, bem como também se podem provar alguns dos famosos doces, especialidade do nosso país.

O claustro é maravilhoso, rodeado pelos azulejos recortados originais do dr. Alves de Sá, e em que estão pintadas as mais belas scenas dos «Lusíadas». O claustro rodeia, como é natural, um belo jardim onde está a Fonte da Juventude, formosa e artística obra escultórica do brilhante escultor João da Silva, obra de que nos occuparemos num próximo artigo detalhando as maravilhas que encerra o Pavilhão de Portugal.

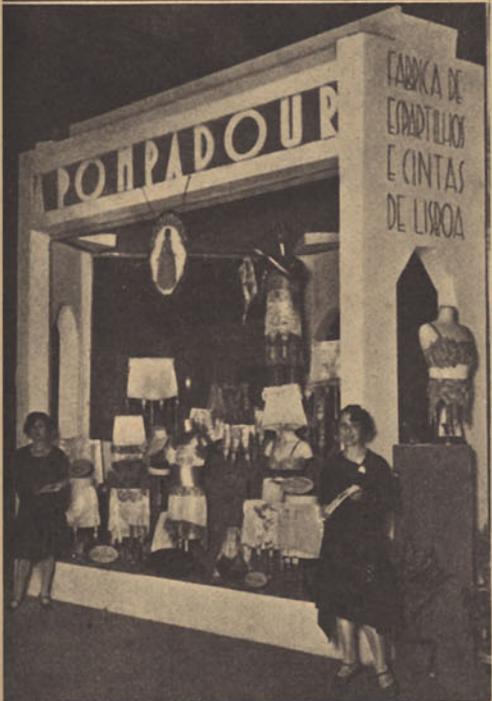
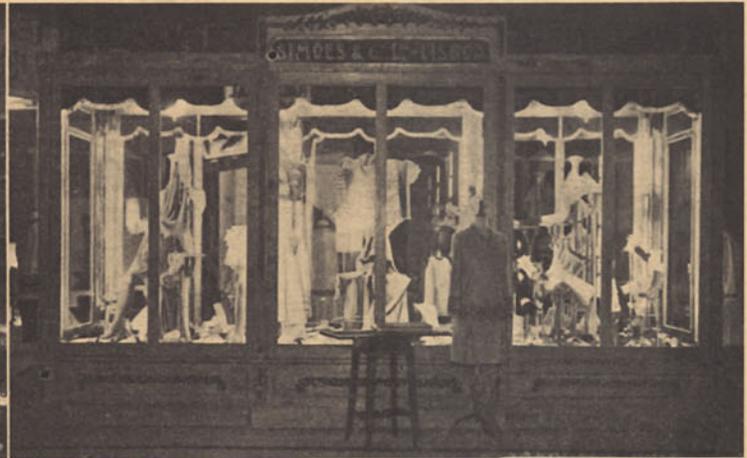
A sala de Agricultura também é muito interessante, mas, entre todas, a mais interessante, sem dúvida, é a sala das Colónias, onde está encerrada toda a nossa riqueza colonial, com amostras de produtos, com gráficos, fotografias, arte indígena, e tudo quanto possa orientar as pessoas que se interessarem por este ramo das nossas actividades civilizadoras.

Sevilha, Maio de 1929.

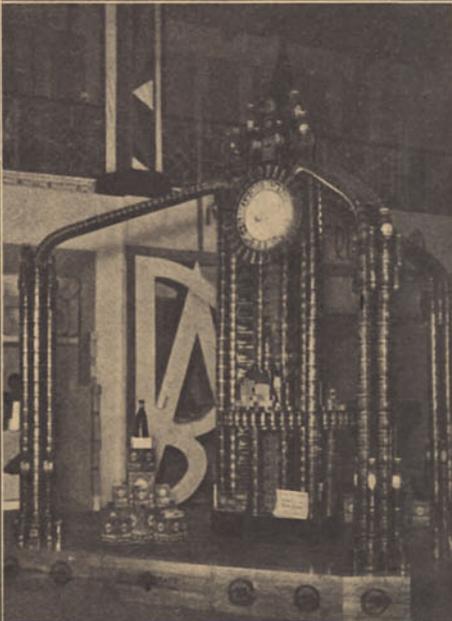
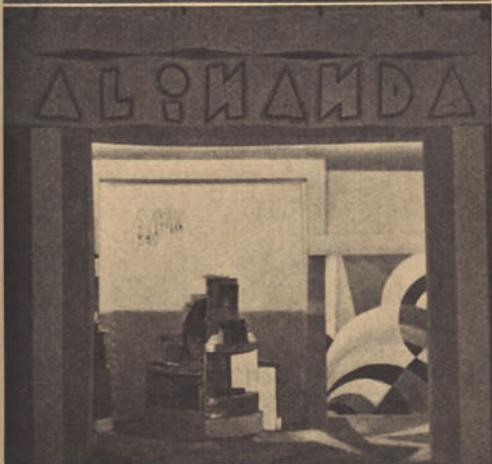
LUÍS DIAS AMADO HERRERO.



Suas Majestades D. Afonso XIII e D. Eugénia Vitória saindo do Pavilhão Português acompanhados pelo coronel Silveira e Castro, Cruz Conde e Comandante Mesquita Guimaraes



NO
PALACIO
DE
CRISTAL
—
O SALÃO
DA
PRIMAVERA



Da esquerda para a direita e de cima para baixo:—O monumental stand do «Diário de Notícias», «Ilustrações», «Notícias Ilustradas», «Evas», «Cá-cá-ré-cá», «Revista de Electricidade e Mecânica», Biblioteca dos Pequeninos e «Os Sports», que chamou a atenção pela sua imponência e modernismo.—A rica e elegante *étalage* de Simões & C.ª, a grande fábrica de malhas de luxo, meias de seda, etc., cujos artigos foram admiradíssimos.—Um stand verdadeiramente original. A exposição dos artigos de luxo e elegância de «A Pompadour», cintas e espartilhos. Projecto de Amoroso Lopes.—Um dos êxitos do Salão, o stand que Amílcar Pinto construiu para os Perfumes «Nally», a grande marca, e onde além da exposição formosíssima se fez a distribuição dos brindes na Festa dos Perfumes.—Um original réclamo: o stand de «Alinanda», o

livro de culinária, realização de Amílcar Pinto.—Uma das exposições que mais chamou a atenção: As conservas de Lopes Coelho & Dias, Ltd., de Matosinhos, com a sua original disposição das embalagens. (Arquitecto Amoroso Lopes)

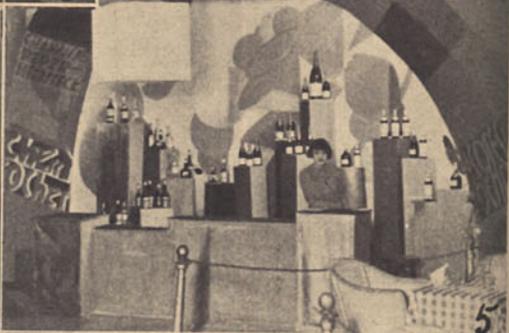
(Fotografias inéditas e feitas especialmente para «Ilustrações» pelo distinto artista Salazar Dinis)

O SALÃO DA PRIMAVERA NO PORTO

1—Três realizadores artísticos da exposição. Da esquerda para a direita o caricaturista Tom, o arquitecto Amílcar Pinto, autor do projecto de decoração geral e o artista Augusto. 2—O stand da grande Fábrica de Tapetes de Beiriz de D. Hilda Brandão de Miranda e Carlos de Miranda, onde os ilustres artistas-fabricantes expunham algumas formosíssimas peças da sua manufatura célebre (projecto de José da Fonseca). 3—Um dos stands mais elegantes era o de Aillaud & Bertrand (Livraria Bertrand), expondo as suas melhores e mais belas edições. (Stand de Tom e Augusto). 4—O afamado medalhista e fabricante de condecorações, João Anjos, apresentou um elegante cantinho onde o seu maravilhoso mostruário fazia furor. 5—Uma cave futurista onde se expunham os «champagnes» «Piper-Heidsieck», os licores «Rocher, Frères» e o conhaque «Remy Martin», da firma João Alves de Matos. 6—Uma indústria nacional que se revelou num mostruário magnífico foi a de tapetes, capachos, artigos de couro e de viagem, etc., de Camilo Francisco Rodrigues, Porto. 7—O célebre perfumista Ach. Brito expôs, com a distinção de sempre, os seus belos produtos. (Stand de Amílcar Pinto).

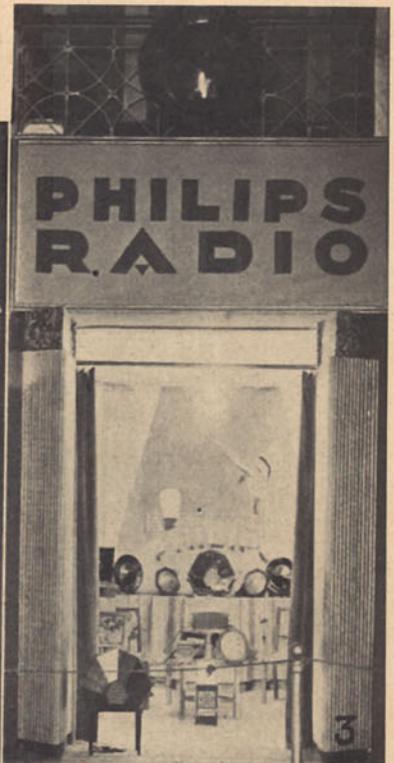
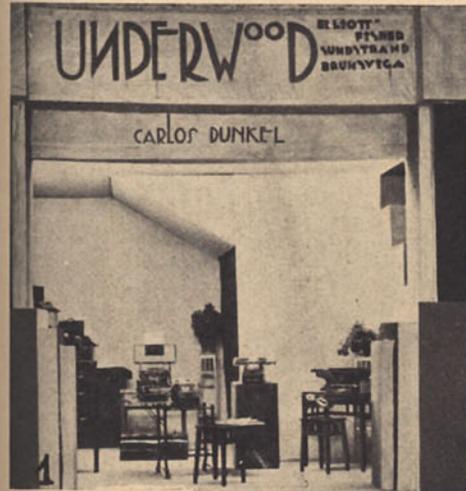
(Fotos Salazar Dinis exclusivas de «Ilustração»)

(Fotos Salazar Dinis exclusivas de «Ilustração»)



NO SALÃO DA PRIMAVERA

1—O moderno stand de «Underwood», com maravilhosos artigos de escritório (stand de Amílcar Pinto). 2—Os magníficos gramofones portáteis ingleses «Microperophone», num original stand de Tom e Augusto. 3—A casa decoradora Adad, executou o lindo stand da Sociedade Comercial Philips Portuguesa. 4—Um stand que se impunha; máquinas cinematográficas, gramofones, discos e o famoso Olotonal, da marca «Pathé» (stand de Tom e Augusto). 5—Um dos mais curiosos stands da exposição; o bar dos Vinhos Borges (projecto de Amílcar Pinto). 6—O stand monumental de «His Master's Voice», com o seu palco e os seus formidáveis amplificadores eléctricos, depois de Huminho para o espectáculo nocturno (projecto de Emanuel Alberg); no fundo o formoso e esplêndido stand das fábricas de tecidos da Senhora da Hora e Areosa, um dos mais belos da exposição (projecto Tom e Augusto). 7—Aspecto do recinto do chá, na nave central, numa das tardes de festa (Fotos Salazar Denis)



Borges (projecto de Amílcar Pinto). 6—O stand monumental de «His Master's Voice», com o seu palco e os seus formidáveis amplificadores eléctricos, depois de Huminho para o espectáculo nocturno (projecto de Emanuel Alberg); no fundo o formoso e esplêndido stand das fábricas de tecidos da Senhora da Hora e Areosa, um dos mais belos da exposição (projecto Tom e Augusto). 7—Aspecto do recinto do chá, na nave central, numa das tardes de festa (Fotos Salazar Denis)

No próximo número continuaremos a publicar as mais curiosas fotos de stands e festas do Salão!



NOTAS GRAFICAS

DE
ACTUALI-
DADE

(Fotos
Salazar Dinis
e Alvaro Martins)



1 - No desafio de «foot-ball» Lisboa-Madrid, militar: Uma defesa apertada do guarda-rédes espanhol, Cabo. 2 - Uma atitude curiosa de Jorge Vieira no Lisboa-Madrid. 3 - Roquete defendendo a murro as rédes de Lisboa. 4 - No Pôrto: A semana Insular - Visita à Universidade do Alto Comissário nos Açores, coronel Feliciano Leal e outras entidades açoreanas. 5 - No Lisboa-Madrid: O guarda-rédes espanhol batido pelos avançados portugueses. 6 - A festa da flor no Pôrto: Um grupo de gentis senhoras que postulou em favor da Cruz Vermelha. 7 - EM BARCELONA: A procissão tradicional das Cruzes ao saír do templo

(Fotos exclusivas e especiais para «Ilustração»)

O "SALON," DA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES



Correndo Lebres, de Simão da Veiga

Como nos anos anteriores abriu ante a expectativa geral, a grande exposição colectiva da Sociedade Nacional de Belas Artes. Há umas épocas a esta parte que o clássico certame ganhou em interesse pela inclusão, no número dos trabalhos expostos, das obras da gente nova. Este remoçamento inevitável trouxe a todos vantagens; aos velhos porque, pelo contraste, dá às suas obras o valor mais tranquilizador de obras de museu retrospectivo, guardando-os de críticas impensadas que exigem da sua técnica e da sua visão,



Busto, por Diogo de Macedo

Também o público safu ganhando desta nova orientação da Sociedade de Belas Artes, pois pode assistir a exposições que, pelo seu hibridismo, nem são um grito louco de revolta nem um *panteão* de mortas glórias. Em meio de velhos e novos, o público, afinal, escolhe sempre pelo melhor, à parte um ou outro infectado do *virus* do mau gosto. Na exposição deste ano há, sem dúvida, coisas notáveis, mas justo é dizer-se que, ou pela ausência de alguns mestres ou pela implacável acção do tempo, a falange brilhante é a de artistas moços, não de mocidade irreflectida e inexperiente que busca, incons-



Homenagem postuma, por Leopoldo de Almeida

ciente, originalidade e não arte, mas da geração que tem à cabeça, na pintura António Soares, na escultura Diogo de Macedo e António da Costa, geração que afirma plenamente, consciencemente, que muito vale e que muito orgulho devemos ter em que, afirmando a vitalidade artística da raça, a uma geração de mestres sucede outra geração de artistas que, sem adulação ou exagêro, vão merecendo iguais honrarias.



Alcobaça, por Luís Salvador

inevitavelmente atrasada ante a vertigem actual, obras que se integrassem perfeitamente nas exigências artísticas hodiernas; aos novos porque, poupando-lhes o esforço dos vagos «Salões de Outono», lhes permite impôr rapidamente ao gosto mediano as suas tendências e as novas correntes artísticas.



A DIREITA: — Retrato da bailarina russa Natácha, por António Soares

FIGURAS DO MOMENTO



ELSA PENCHI LEVV

ILUSTRE cantora, soprano lírico dramático de magníficos recursos, que ultimamente abraçou o profissionalismo, dando um aplaudidíssimo concerto no Tivoli.



SIMY TOLEDANO ESAGUY

Jovem e talentosa compositora de música lírica que organizou, com o maior sucesso, um baile elegante na Liga Naval, em que se executaram apenas composições para dança da sua autoria.



DR. BRITO CAMACHO

Nosso querido colaborador e escritor insigne, que acaba de lançar a público mais um curioso livro, «Contos e Satiras», que alcançará, como as suas obras anteriores, um grande êxito.



J. SOUTO

CHIEFE da casa Souto & C., os maiores industriais de electricidade do Norte do país, autor da montagem eléctrica e iluminação do nosso «Salão de Primavera», no Palácio de Cristal, em que evidenciou o seu bom gosto e enorme competência, aliados a uma probidade comercial excepcionalíssima.



CAV. GUIDO FAZZIO

SABEDOR e ilustre director artístico do Palácio de Cristal do Porto que, com a sua actividade incansável e bela dedicação, nos deu as mais altas provas de amizade conjuvando a direcção do «Salão da Primavera».



DR. CAIRO DA MATA

ILUSTRE jurista e professor, recentemente eleito membro da Academia das Ciências de Lisboa, numa justa consagração do seu talento.



LILY DAMITA

A fulgurante «estrela» de cinema que se disse ser portuguesa mas que iniciou a sua carreira em Portugal e que, após triunfos notáveis na Europa e América, vai casar com o príncipe Luis Fernando de Hohenzolern, neto do ex-kaiser Guilherme II.



TENENTE AFONSO DO PAÇO

BRILHANTE escritor e valoroso militar que publicou recentemente um belo livro «Cartas a uma madrinha de guerra».

FIALHO DE ALMEIDA

CONSIDERAÇÕES A PROPÓSITO DO

MASCARAS DE JOSÉ AMA

ANIVERSÁRIO DO SEU NASCIMENTO

RO E JOSÉ TAGARRO



A passagem, triste e silenciosa, dum aniversário, adentro dos limites do campo literário da nossa história, serve de claro motivo a evocações, por vezes, e a considerações, quasi sempre, sejam elas de que natureza forem, mas atinentes a não deixar em claro uma data que merece ser lembrada, por qualquer razão, e obriga a ser posta em relêvo, por circunstâncias especiais.

Aqueles que sentiram, ou sentem ainda, alguma emoção na leitura de determinadas páginas de Fialho de Almeida não devem esquecer o dia 7 de Maio:—o dia do aniversário do nascimento daquele escritor, e, bem assim, que há dezoito anos recolheu ao silêncio um cérebro que, feroz e tenazmente, trabalhara, pensara e escrevera—gritando irreverência, fustigando males, criticando com audácia.

Ele não foi, como a si próprio se acusa, o cronista aguado das futilidades mansas do tempo, mas o arguto observador que via na sociedade, única e simplesmente, um campo de batalha ou arena de combate em que se degladiavam—então e hoje—interesses, reputações e invejas. Observava e atacava—observou, com olhos diferentes dos da gente que enche os seus volumes, e atacou, com armas que funcionaram como bisturis, depostas as figuras na mesa anatômica do teatro da sua acção de panfletário e crítico—um panfletário e um crítico, cujas opiniões tiveram uma extensão que encheu a sua época, que não vai longe e que ainda vive no espírito de muitos, daqueles que sentiram o repuxar forte dos seus factos de água fervente e daqueles que compararam os episódios recortados no kaleidoscópico duma bibliografia, cujo maior número de grânulos se conta pelo muito que a muitos fez arder.

Se o que arde cura, Fialho foi um bom facultativo—ele que era formado em medicina pela Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa—ao fazer o manuscrito dos livros que recitou, ao fazer o diagnóstico duma madraça sociedade, decaída em torpor e quejandas realidades inspidas.

Fialho deu articulação a fantoches humanos, entregues à desumanidade das injustiças que realçam preconceitos estultos e levantam iniquidades absurdas. Deu-lhes também fogo. A outros, encheu-os de ar. E, quer com ar, quer com fogo, viu-os rebentar de encontro à muralha que separa o bom do mau, o razoável do inconcebível.

Não teria sido Fialho assim?

Foi-o, sem dúvida.

Fialho foi um combativo, um agressivo, um intempestivo.

*Jalando pouco,
arranhando sempre,
não temendo nunca.*

Mas, porquê, santo Deus?

A resposta é simples. A sociedade envolvia-se em desordem, arrastava-se em confusão. Os males que a corroíam eram muitos, mesmo muitos, e esses males subsistem,

mordem ainda, mau grado nosso, a medula do sistema nervoso do nosso país, com nervos fora do lugar e sangue arterial a menos. E Fialho encontrou no meio-ambiente, viu no peribólo que o envolvia, a arcaia suficiente para que, junta à cal plástica da sua prosa inflamada e desnuda, constituísse uma argamassa tão sólida que os tempos posteriores não desmoronassem.

Fialho, ao manejar o ariete pesado que era a sua pena, aguçada e mordaz, destruiu, para que, sobre os caboucos, postos a descoberto, nova edificação fosse erguida, à luz da verdade.

Fialho foi, a pesar de tudo, um construtor de factos.

Não se limitou a verificar o estado patológico da sociedade, atacou-a de frente, deu-lhe a tomar xaropes fortes, para avaliar da resistência que ela poderia opôr.

Muitos sentirão desconsólo nas páginas derrotistas, de amargor pessimista. Lamentarão o Fialho-indesejável, o Fialho-espírito de revolta.

Mas em Fialho há, também, a feição sentimentalista, aquela que o escritor dedica à contemplação da paisagem e nos fala dos sorrisos ternos da natureza, da graça piedosa da primavera, da meiga expressão do cantar das avesinhas, e do coração terno e puro das crianças que ele amava—e tanto que Vila de Frades, terra da sua naturalidade, uma linda terra em plena «steppe» alentejana, lhe deve a casa da Escola, a casa onde vivem e vibram espíritos e corpos de dezenas e



dezenas de crianças, que se preparam para a luta difícil da vida, que elas ainda desconhecem, mas em que se envolverão um dia, com maior ou menor número de elementos de defensiva.

Este Fialho, votado ao amor da natureza, ao «sentimento da paisagem nascida da origem de aldeão contemplador», como ele próprio vinca nas palavras auto-biográficas do *A esquina*, é um Fialho inteiramente diferente do outro.

Melhor? Sim, para as criaturas moderadas.

Fialho, desde *Os Contos*, publicados em 1881, em edição portuense, até ao *Barbear, Pentear* que, apresentado sob a rubrica de «Jornal de um vagabundo», apareceu no próprio ano da sua morte, e constitui o primeiro dos volumes póstumos, é um escritor variado e multiforme.

Homens notáveis do seu tempo salientaram o seu especial vigor de crítico, o seu geito particular de cronista, a sua característica saliente de contista admirável.

Sob o ponto de vista de regionalismo, *Os Ceifeiros* ficam, imperceptivelmente, como profundas páginas alentejanas, ao lado da animada dialogação de *Os Velhos*, de D. João da Câmara.

Fialho vive na admiração que os novos lhe dedicam.

Ao reler os seus períodos mais representativos, fico no convencimento, cada vez mais preciso, de que o grande escritor de *Os galos* foi, acima de tudo, um português que, se não purificou a língua, como fez Camilo, seu contemporâneo, introduzindo-lhe, antes, um sem-número de neologismos, de origem francesa, escreveu, contudo, para a alma de todos nós.

Merecerá Fialho a homenagem de todos os portugueses?

E, por que não?

Em artigos e conferências, tenho procurado significar, modestamente, quão simpático me seria ver, num dos talhões da nossa esplêndida Avenida da Liberdade, um modesto monumento erguido à memória dum escritor que, desaparecido do reino dos mortais, há dezoito anos, completos agora, viveu a vida do seu tempo, estereotipando-a e analisando-a nos livros que aos vindouros legou, para os ler, compreender—se tal é possível—e admirar. Ninguém refutará o direito que cabe à memória de Fialho de Almeida de ser eternizada no simbolismo da pedra e do bronze, ante a veneração do vulgo, culto e inculto, conseguida, como parece estar, a consagração do público leitor.

Quando em Portugal dermos tréguas às nossas impertinências e arranjar-mos umas horas de folga para atentarmos nos problemas literários e nas reivindicações mentais, havemos de concordar que a obra de Fialho de Almeida merece ser colocada num trono dignificado de que a erecção dum monumento simples em Lisboa (à maneira do de Zola, nos jardins de Meudon) poderá ser uma síntese—uma síntese serena.

Lisboa, 1929.

ADOLFO FARIA DE CASTRO.



TABO A SEXTA

ALVARADO — Em campo de oiro, cinco flores-de-liz de azul, postas em sautor.

D'or, à cinq fleurs-de-lis d'azur posées en sautoir.

ALVARÈS — Partido: o 1.º em campo de prata, três faxas de vermelho; o 2.º em campo azul uma quaderna de crescentes de prata. Bordadura de prata carregada de uma silva de verde.

TIMBRE: Um dragão de azul, com a quaderna de crescentes do escudo na espádua.

Parti: au 1.º d'argent, à trois fasces de gueules; au 2.º d'azur, à un lunel de 4 croisants d'argent, à la bordure d'argent chargée d'un brin de ronce de sinople.

CIMIER: Un dragon d'azur, au lunel de l'écu sur l'épaulé.

ALVARENGA — Em campo de prata três bastões de vermelho em contrabanda, ladeados de oito fôlhas de figueira de negro, postas 1, 3, 3 e 1.

D'argent à trois batons de gueules mis en barre, côtoyés de 8 feuilles de figuier de sable, posées 1, 3, 3 et 1.

ALVARENGA — Em campo de veiros três faxas de vermelho.

TIMBRE: Um leão veirado, armado de vermelho.

De vair, à trois fasces de gueules.

CIMIER: Un lion de vair, armé de gueules.

ALVARES (de Aveiro) — Cortado: o I partido: o 1.º em campo vermelho uma agúia de prata bicada de negro; o 2.º em campo azul uma cruz de oiro, de pé recurvado a uma e outra parte; o II em campo de prata quatro faxas requinadas de azul.

Coupé: le I parti: au 1.º de gueules, à l'aigle d'argent becquée de sable; au 2.º d'azur à une croix d'or terminée en pointe en anille; le II d'argent, à 4 fasces vîvrées d'azur.

ALVARES (de Toledo) — Em campo de prata uma jarra de vermelho com bocal de

azul e pé de oiro, contendo três açucenas de prata com fôlhas de verde. Bordadura cosida de oiro carregada de 7 estrélas de azul.

D'argent, à un vase de gueules, virolé d'azur, au pied d'or, contenant 3 lis de jardin feuillés de sinople; à la bordure cousue d'or de sept étoiles d'azur.

ALVELOS — Em campo vermelho 5 estrélas de oiro de oito pontas postas em sautor.

TIMBRE: Um leão sainte de vermelho, carregado de uma estréla do escudo.

De gueules, à 5 étoiles d'or de huit rais mises en sautoir.

CIMIER: Un lion issant de gueules, chargé d'une étoile de l'écu.

ALVES — Cortado: o I partido; no 1.º em campo vermelho uma agúia de prata, de duas cabeças, coroadas de oiro, o 2.º em campo azul uma cruz potenca cantonada de 4 aneletos de oiro; o II em campo azul três bandas onduladas de prata.

TIMBRE: Uma agúia estendida de prata, coroada de oiro.

Coupé: le 1.º parti: au 1.º de gueules, à l'aigle d'argent au vol éployé, à deux têtes couronnées d'or; au 2.º d'azur à une croix potencée et cantonnée de 4 annelets d'or; le II d'azur, à trois bandes ondées d'argent.

CIMIER: Une aigle d'argent, au vol éployé, couronnée d'or.

ALVIM — Esquartelado: o 1.º e 4.º em campo azul 5 flores-de-liz de oiro postas em sautor; 2.º e 3.º xadrezado de oiro e de vermelho de 4 peças em pala e 4 em faxa.

TIMBRE: Um leão sainte de oiro, tendo na mão direita uma flor-de-liz azul.

Ecartelé aux 1.º et 4.º d'azur à fleur-de-lis d'or, posées en sautoir; aux 2.º et 3.º 16 points d'échiquier d'or et de gueules.

CIMIER: Un lion issant d'or; tenant dans sa patte dextre une fleur-de-lis d'azur.

ALVO — Em campo azul um leão de oiro, lampassado de vermelho e uma banda de vermelho carregada de 3 rosas de prata, apontadas de verde, atravessante sôbre tudo.

TIMBRE: Uma rosa do escudo entre duas azas de vermelho.

D'azur, au lion d'or, lampassé de gueules, et à la bande du même chargée de 3 roses d'argent, pointées de sinople, brochant sur le tout.

CIMIER: Une rose de l'écu, soutenue d'un vol de gueules.

AMADO — Esquartelado: 1.º e 4.º em campo azul uma agúia estendida de oiro, armada de negro. 2.º e 3.º em campo verde uma banda de prata carregada de 6 pontos de arminho de negro.

TIMBRE: A agúia do escudo carregada de 6 pontos de arminho no peito.

Ecartelé: aux 1 et 4 d'azur, à l'aigle d'or au vol éployé, armée de sable; aux 2 et 3 de sinople, à la bande d'argent chargée de 6 mouchetures d'hermine de sable.

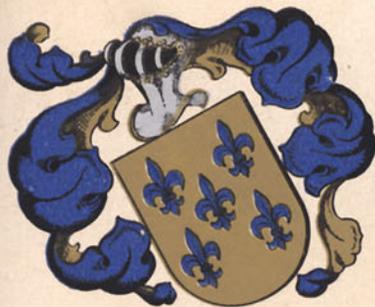
CIMIER: L'aigle de l'écu, chargée de 6 mouchetures d'hermine de sable sur la poitrine.

AMADOR — Em campo azul um bastão colobreado de oiro posto em banda, ladeado por duas coticas de prata e duas estrélas de oiro de 8 pontas, uma em chefe e outra em ponta.

TIMBRE: Um pavão de suas côres, com o leque aberto, e um filete de oiro, duas vezes passado em volta do pescoço, uma extremidade no bico e outra debaixo de um pé.

D'azur, à un baton ondé d'or posé en bande, côtoyé de deux cotices d'argent, et à deux étoiles d'or à 8 rais posées une en chef et l'autre en point.

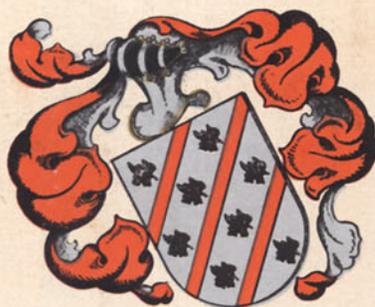
CIMIER: Un paon rouant au naturel, à un filet d'or passé et repassé autour de son cou, un des bouts dans son bec, l'autre sous un de ses pieds.



Alvarado



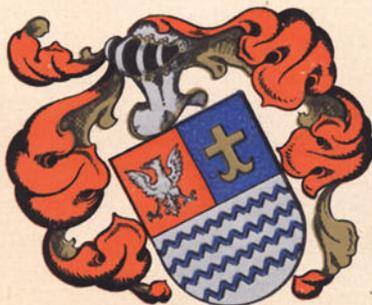
Alvarães



Alvarenga



Alvarenga



Álvares



Álvares



Alvelos



Alves



Alvim



Alvo



Amado



Amador

STRADIVARIUS

EM FOCO

Nestes últimos anos tem estado em moda a falsificação de documentos antigos que se referem a personalidades célebres ou que com elas tem qualquer relação. Agora, no mês passado, foi descoberta mais uma falsificação de documentos de Stradivarius, o notável construtor de violinos, falsificação que não passa de uma autêntica burla, previamente engendrada, com grande aparato e não menos inteligência.

Relatamos o caso, que tanto tem preocupado ultimamente a Imprensa italiana.

Nos fins do passado ano o antiquário Zanardi, de Bergamo, para satisfazer um cliente, adquiriu no estabelecimento do seu colega Ravasio, um móvel muito antigo que para ali estava atirado, havia já algumas dezenas de anos. Levou-o para o seu estabelecimento e, casualmente, descobriu que o móvel tinha uma gaveta secreta. Dela retirou maços de cartas, manuscritos, facturas e memórias pertencentes a António Stradivarius. Por outras palavras, descobrira o arquivo do célebre construtor de violinos, no qual encontraram documentos sensacionais entre eles a receita do verniz famoso ao qual a lenda atribui o segredo do som suavíssimo e insuperável dos violinos saídos das mãos do imortal artefice.

Zanardi iniciou desde logo a venda da papelada que ofereceu a vários amadores não só de Itália mas também de França, conseguindo que ela fôsse adquirida pelo construtor de violinos Bisiach, de Milão, que, supondo ter adquirido um tesouro, deu pelos papeis 50 mil liras.

Estava fechado o negócio com grande proveito para Zanardi. Porém, pouco depois, surge um novo personagem que vem complicar a questão aparentemente liquidada. Esse personagem, que bem se pode alcunhar de «desmancha-prazeres», é um tal Fenili, também negociante de antiguidades. Este indivíduo procurou uma pessoa preponderante em Bergamo, o comendador Pieran-

A JUSTIÇA ITALIANA ACABA DE DESCOBRIR UMA FALSIFICAÇÃO DE DOCUMENTOS REFERENTES AO FAMOSO CONSTRUTOR DE VIOLINOS

tonio Pesenti, a quem comunicou que o móvel onde haviam sido encontrados os célebres documentos lhe pertencia, não permitindo, portanto, que outros negociassem com es documentos que, sem êle saber, estavam ocultos nêsse móvel. O comendador não ligou importância ao caso, mas a insistência de Fenili e o relêvo que os jornais davam ao acontecimento, acabaram por convencê-lo a tomar conta do assunto. Começou, pois, por apresentar uma denúncia ao procurador do Rei ao qual o Fenili se queixou também, depois de combinar com um engenheiro de Bergamo que ambos diriam ao juiz que se recordavam de ter vendido a Ravasio uns velhos móveis do tipo daquele onde foram encontrados os papeis de Stradivarius.

Estas queixas obrigaram as autoridades a intervir, começando estas por querer saber se os documentos eram ou não autênticos,

visto ter-se travado grande polémica entre os que garantiam a sua autenticidade e os que afirmavam tratar-se duma mistificação. A autenticidade dos papeis não podia, no entanto, ser discutida senão teóricamente porque o seu possuidor, Bisiach, cioso dos documentos, não os queria mostrar a ninguém. Apenas o comendador Gnoli, uma autoridade no assunto, conseguira examinar alguns, superficialmente, concluindo que êles eram autênticos.

Foi quando se instrua o processo por furto que era imputado a Zanardi e Ravasio por se terem apropriado de objectos que não lhes pertenciam, porque não foram incluídos na venda do móvel, que o juiz Antonucci teve as primeiras suspeitas sobre a autenticidade dos documentos. É oportuno dizer-se que o referido juiz é um magistrado inteligentíssimo, apaixonado por livros, estampas



Stradivarius — (Quadro de Hamman)

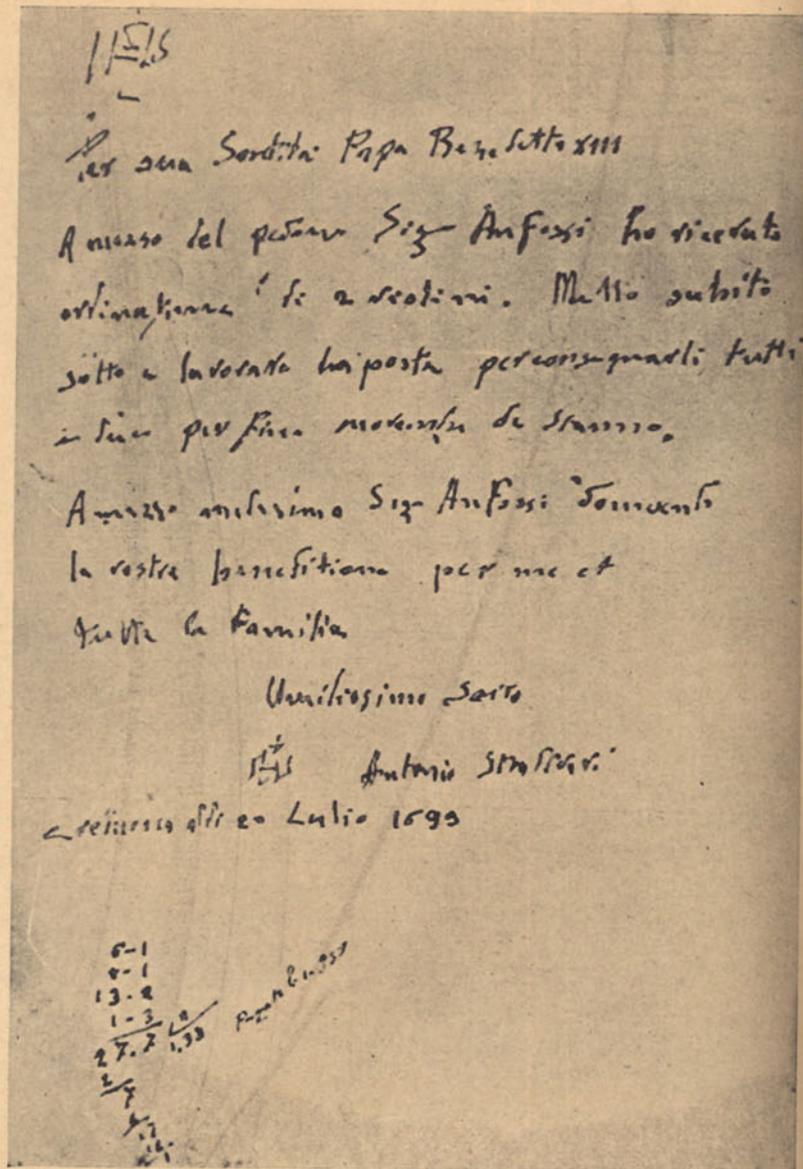
e manuscritos antigos. É ao mesmo tempo magistrado e paleógrafo. Verificou o juiz que o móvel não tinha qualquer gaveta secreta e, portanto, que era impossível estarem nele ocultos documentos durante tantos anos. Fêz disto sciente Zanardi, o qual explicou que nem todos os papeis tinham sido ali encontrados. Muitos dos documentos de Stradivarius fôra êle descobri-los numa fábrica de fogo de artifício, em Valtesse, que adquirira grande quantidade de papeis velhos para manipular foguetes e fogos de vista. De facto verificou-se que o antiquário adquirira na referida fábrica grande quantidade de papeis que pertenciam a antigos notários, mas nenhum dêles, segundo informaram o juiz investigador, tinha importância, porque se tratava apenas de documentos notariaes.

Este facto começou a arreigar as suspeitas contra Zanardi, já conhecido do juiz pela sua habilidade de falsificador emérito, e o magistrado passou a investigar os documentos, servindo-se para isso dos seus conhecimentos de paleógrafo.

Observou atentamente e com tôda a perspicácia as cartas e verificou que o papel era de fabricação antiga, alguns séculos antes de Stradivarius. Até aqui estava certo, mas o que não era admissível é que algumas fôlhas fôsem de data posterior à morte do célebre construtor de violinos.

Após atentos estudos, verificou-se que o papel tinha sido preparado com tintas e ácidos que lhe deram um colorido antigo que, com a acção do tempo, desapareceria rapidamente. Tratava-se duma péssima falsificação. Verificou-se ainda que a escritura tinha sido feita com pena de aço que no tempo de Stradivarius não era ainda conhecida.

Reconhecida a falsidade dos documentos, o juiz Antonuci mandou chamar Zanardi, contestando-lhe a autenticidade da papelada. Este, patenteando a sua desorientação, começou a perder a serenidade, explicando então que mandara copiar alguns dos documentos achados, fazendo isto por amor da arte, sem explicar, porém, qual o género de arte. Manteve que não se trata de documentos falsos, mas de cópias conforme o original, eufemismo brilhante que poderia aplicar-se aos falsificadores de notas do Banco, os quais, como se sabe, fazem sempre a cópia conforme o original... Após esta confissão, o juiz investigador mandou prender Zanardi e o seu



Um dos documentos falsos. — Minuta de uma carta que Stradivarius teria escrito em 20 de Julho de 1693 a S. S. Benedito XIII

cúmplice Rvasio, estando agora em diligências para descobrir o autor da falsificação, isto é, o copista dos documentos.

Parece que quem forneceu os elementos para a falsificação foi uma pessoa muito culta e sábia, já falecida, mas não está posta de parte a hipótese de que a matéria escrita nos documentos tenha sido deduzida de um famoso livro sobre a vida de Stradivarius, escrito por um frade.

Verificou-se, no entanto, que os documentos são em muitos pontos disparatados, pois confundem-se reis com papas e vice-versa, dando também nas vistas o facto de por êles se verificar o tom confidencial com que Stradivarius escrevia a um pontífice e o tom

fraterno com que escrevia a um rei, isto no tempo em que o famoso artifice não passava de um obscuro construtor de violinos.

Se não fôsse a queixa apresentada pelo antiquário Fenili, que reclamava para si a posse dos documentos, a burla certamente não se descobriria e, dentro de alguns mos, posta de parte a dúvida sobre a autenticidade dos famosos papeis, êstes atingiriam um valor formidável.

A providencial queixa, porém, veio aclarar o caso, evitando caturrices futuras entre os amadores e estudiosos de antigüidades e evitando também que Zanardi e o seu cúmplice levassem a efeito a burla sem sofrerem as penalidades que o seu acto justifica.



O COMPOSITOR ESPANHOL ERNESTO HALFFTER

Se considerarmos que o papel do crítico de arte deve principalmente consistir em explicar ao público a obra do artista, verificaremos que nem sempre entre nós a importantíssima e fecunda missão construtiva da crítica musical tem sido desempenhada convenientemente. Vários factores tem decerto contribuído para isso, não sendo a eles estranha a incapacidade para sentir, analisar, relacionar e compreender dos que se permitem exercer na nossa terra tão difícil como espinhosa profissão.

Com raríssimas excepções, pode afirmar-se que a maior parte dos poucos homens que possuem, em Portugal, competência para fazer crítica de arte elevada, se acham presentemente afastados das lides jornalísticas.

Por outro lado, certas conveniências e até a própria orientação que está tomando o jornalismo português, dão aos estudos analíticos das obras de arte um aspecto mais leve e superficial, porventura mais ameno para alguns, mas de certo menos útil para os fins superiores a que elles se destinam.

Senti muito isto quando por ocasião do concerto de música sinfónica que teve lugar recentemente no Tivoli, e em que foi executada pela primeira vez em Portugal e sob a regência do autor a notabilíssima «Sinfonietta», de Ernesto Halffter.

Este jovem compositor espanhol, cheio de talento, que já muito honra o seu país graças ao verdadeiro valor e prestígio das suas composições, é o descendente e continuador da

grande obra de renascimento da arte musical da Espanha, de que Felipe Pedrell foi a «alta consciência», e o patriarca, Isaac Albeniz, o «arauto», Enrique Granados o «trovador», e Manuel de Falla o «evocador da emoção», no dizer do culto Jean Aubry. Esse movimento tomou uma feição profunda e francamente nacionalista, tão íntima e tão sincera que a isso deveu a sua grande universalidade. E Falla e Halffter são os criadores máximos dessa feição; os maiores poetas melódicos e rítmicos de todas as expressões e de todos os sentimentos da alma espanhola, bem como da natureza do seu país, coada através dessa alma.

Quando falo de nacionalismo quero referir-me, não ao que decalca e plagia as expres-

sões estéticas da alma popular, mas o que utiliza essas expressões como o mais puro e rico elemento inspirador.

Neste ponto devo dizer que ainda se não deu em Portugal o reflexo do verdadeiro movimento nacionalista musical contemporâneo que tem como representante da Rússia Stravinsky, e do país magiar Bela Bartok e Zoltan Kodaly, porquanto Luís de Freitas Branco, o compositor português contemporâneo de maior vulto, autor duma já valiosa obra de grande substância musical, seria pela sua sólida técnica de compositor e sobretudo de instrumentador quem estaria melhor apetrechado para resolver este problema. Todavia ele tem produzido principalmente música pura, sem restrito carácter nacionalista; essa foi sempre desde a juventude e é ainda hoje, a tendência natural da sua produção.

As interessantes trovas de Francisco de Lacerda, na sua delicada e expressiva estilização que faz delas a mais bela jóia da arte musical portuguesa erudita, trabalhadas sobre temas populares, são a única excepção que prova não estarmos inteiramente afastados do movimento nacionalista contemporâneo.

E porque está ainda por realizar, nas artes portuguesas, uma vasta obra construtiva verdadeiramente nacionalista, a vinda a Lisboa de Ernesto Halffter e a audição de obras suas devia ter tido, para nós, uma importância que infelizmente não foi evidenciada. Foi de certo por avaliar bem do alto significado e possível influência das obras musicais espanholas contemporâneas que o maestro Pedro de Freitas Branco deu a conhecer pela primeira vez em Portugal as admiráveis partituras de Falla, «El Amor Brujo» e «Suite» de «El sombrero de tres picos» e «La nochebuena del diablo», de Oscar Esplá.

Procuré há dias o jovem compositor e maestro Halffter que ainda se encontra em Lisboa. Em boa hora o visitei: tinham chegado do editor de Paris as provas do seu novo bailado «Sonatina»; o autor lia a partitura, executava ao piano certas passagens e introduzia alterações nas provas.

Ernesto Halffter que tem na sua arte o culto da máxima expressão e da maior simplicidade, é igualmente muito expressivo e simples no trato íntimo. Fundamentalmente modesto, ao contrário de muitos que de tudo se servem para se evidenciarem em benefício de loiros passageiramente viçosos e de imediatos lucros materiais, mas em prejuízo da sua personalidade moral, Halffter julga o artista pela natureza do seu carácter, e é verdadeiramente honesto na sua profissão; toda a sua energia se emprega a favor do aperfeiçoamento da obra que quer, que pode e há-de realizar.

A «Sinfonietta», a que a crítica de Lisboa se referiu muito superficialmente, tem alcançado, por todo o mundo, successivos triunfos, entusiásticas referências e louvores de críticos competentes e prestigiosos.

Nos Estados Unidos da América do Norte, onde foi executada onze vezes na última temporada, pelas notáveis orquestras de Stokowsky, de Mengelberg e de Kussevitzy, sob a direcção do maestro Arbós, a «Sinfonietta» que Pitts Sanborn disse ter «a ebulição da juventude e um contagioso poder de encanto», foi aplaudida, por vezes, com gritos entusiásticos.

No dizer de Olin Downes, conceituado

crítico do «New York Times», «a Sinfonietta de Halffter baseia-se de acôrdo com o actual culto do clacisismo, em modelos oitocentistas, relativamente aos princípios gerais da forma, mas como música é tão moderna como interessante. A politonalidade é extensamente empregada e tem sempre a clareza e a sensação duma tonalidade fundamental. O alegre movimento inicial recorda Scarlatti, mais no espirito do que na forma. O *adágio* concebido à maneira dos *adágios* de Bach, é completado por amplas, grandes frases cantantes tratadas com felicidade em estilo contrapontista. O «scherzo» é encantador: a juxtaposição de várias tonalidades não lhe tira a graça, essencialmente impregnada do encanto do velho estilo a *la musetta*. Tanto o final como o resto da obra estão inveterados de lirismo feliz e audaz. A música deste jovem autor tem a luminosidade e a alegria do que é inequivocamente latino».

Para Herschel Brickell, do «New Eve Post», é «fascinadora» a Sinfonietta de Halffter; é «vinho novo em ôdres velhos. Para os ouvidos habituados a Stravinsky em repetidas audições, o idioma de Halffter torna-se perfeitamente compreensível, e há um prazer muito subtil na sua inegável vivacidade de imaginação, particularmente evidente no primeiro movimento, o alegre e humorístico *allegro* denominado Pastorela, e no último cheio de ironia. O terceiro movimento, um *minueto*, está mais próximo da tradição, dentro do seu modernismo. Não exagera quem diz que Halffter escreve unicamente *música de beleza*, e mesmo quando se diverte a tecer a mais complicada polifonia, sabe muito bem até onde há-de levar as suas ideias, cumprimento este que não pode dispensar-se à maior parte dos compositores do momento actual».

Realmente a «Sinfonietta» é uma obra extensamente interessante, em que existem momentos soberbos, admiravelmente realizados, como disse Grena Benett. O crítico do «New York Sun» referindo-se a ela pôs em evidência a «alegria de espirito» e a «instrumentação brilhante e variada».

Segundo a opinião de Irving Weil, do «Evening Journal», ela «é a obra mais atractiva e da música mais decididamente viril, reflectindo admiravelmente o espirito das perspectivas grandes e livres. A influência dos mestres é substituída nela por grandes promessas. A sua instrumentação é extremamente engenhosa; é excelente a invenção melódica; elevado o sentido do humor e a capacidade de dizer as coisas com exactidão. Esta obra é um bom exemplo da actual teoria da reprodução das formas oitocentistas, com hábil sentido moderno».

Disse-se em Lisboa que a «Sinfonietta» sofrera influências do «Concertino», de Honnegger. Há de facto afinidades entre estas duas obras primas da música contemporânea: ambas encerram uma grande diversidade de pensamentos e de forma; delicado sentimento de humor e encanto; ambas prestam homenagem ao espirito e à arte do século dezoito em termos acentuadamente modernos; éle é um *concerto* de piano com orquestra reduzida, ela uma *sinfonia concertante* com seus instrumentos de arco, de madeira e de metal utilizados como solistas sobre fundo orquestral. Poderá realmente haver certas afinidades entre estas duas obras, mas não há com certeza influência

alguma do «Concertino» sobre a «Sinfonietta», quanto mais não seja porque aquê data de Setembro de 1924 e esta de 1923. Além disso Halffter só há pouco tempo conheceu a obra de Honnegger. É pena a crítica não seguir o conselho de Ravel, que entende que se deve procurar sempre nas obras novas o que elas tem de novo e não as influências que receberam do passado.

Um aspecto bem mais nacionalista da arte de Halffter é-nos dado pela sua recente «Sonatina», o soberbo bailado que a grande Argentina dançou no Teatro Femina, de Paris, com a sua *troupe* e com scenários de Beltran Masses.

Esta bela «sequência de danças» é uma obra prima de concepção de inspiração e de técnica; é um encantador tecido sonoro que se desenrola desde a *Introdução* com seu lindo estilo romântico e puramente espanhol até a *Danza Final*, animada dos mais belos impulsos e brilho. São trechos de estranho fulgor: a mimica do *Dragão*; os característicos *Rigaudon* e *Fandango*; *Las Doncellas*, de graciosa elegância; *Zarabanda*, com seu antigo ar castelhano; a *Giga*, esfuziante de animação e alegria; *La Pastora*, com sua canção desprendida e magoada; *La Gitana* e *El Principe*, de delicadíssima inspiração.

A «Sonatina» prova-nos que a arte espanhola não se impõe exclusivamente como colorista; que outros aspectos mais fútimos, mais interessantes, nos auxiliam a melhor sentir e compreender a Espanha.

Além de tudo isto, a «Sonatina» é constituída sobre uma das mais acentuadas tendências do bailado moderno: à maneira de concerto, em que a dança tem um papel correspondente ao do solista musical e o tecido sinfónico faz o acompanhamento. Dêste modo dão-se entre o desenho, a melodia e o ritmo da coréografia e da massa orquestral, dissonâncias, unissonos, acordes perfeitos, contraponto, etc.

A «Sonatina» é um dos últimos produtos da actividade criadora de Ernesto Halffter. Nela afirma-se plenamente a personalidade do autor; um grande poder de comoção é obtido com a máxima simplicidade e a maior quantidade de substância musical, teoria esta já adoptada por Falla em opposição ao mesmo aspecto da estética straussiana.

Na obra moderna e valiosa deste jovem músico, reconhece-se a par dum incontestável talento de compositor a sólida educação clássica que recebeu. Começou a compôr aos seis anos. A sua primeira obra — «Crepusculos» — foi publicada quando atingia treze anos. Até aos dezasseis foi grandemente influenciado pelos românticos e particularmente por Liszt. Aos dezassete ouviu pela primeira vez Debussy, que teve para êle a importância duma verdadeira revelação. Começou nessa altura a ser orientado espiritualmente pelo distinctíssimo crítico Adolfo Salazar, e aos dezoito anos era o discípulo dilecto do grande Falla. Depois familiarizou-se com o movimento musical contemporâneo e tornou-se um fervoroso admirador dos três geniais compositores que dominam a música dos nossos dias: Maurice Ravel, Manuel de Falla e Igor Stravinski.

Maio de 1929.

Luís REIS SANTOS.



A ILHA DO PICO, VISTA DA CIDADE DA HORTA (FAIAL)

GRANDEZA S DE PORTUGAL



Terço da ponte sobre o rio Côa, em Évora, vendo-se em frente as ruínas do Paço dos Duceps de Bragança e, ao lado direito, duas casas alentejanas

Dizia, há pouco, um escritor francês que o passado é, afinal, uma pura lenda. A onda demográfica, descendo das montanhas, dos lugares elevados onde se abandeva outrora para evitar a ruína dos ataques e dos saques, inundou os vales e a planície, copiou-se no sentido das vertentes, formou grossas camadas migratórias, aproximando-se dos grandes aglomerados humanos, da arte, cuja densidade mais entumescia, por lhe facilitar o acesso as modernas vias de comunicação. E onde antigamente se elevavam os velhos castros, as torres de menagem, as praças fortes com suas muralhas, heróicas e ferozes, abrigando e defendendo a população que se acautela à sua sombra, há hoje unicamente pedras rotas de muros, vestígios duma grandeza extinta, pedras desmoronando-se, ruínas e escombros.

Mas este quadro desolador e triste, que o escritor francês deixava adivinhar num simples pensamento, se foi verdadeiro n'aquele grande país latino, em que a civilização



Praça de Alentejo e ruínas de São Compa

PADRÕES DE NOBREZA PADRÕES DE TRABALHO UM INQUÉRITO REGIONAL AOS VALORES DO PASSADO E DO PRESENTE

Os decretistas falamos com frequência das devastações iconoclastas do tempo e dos homens e não deixam de ter razão momentânea quando verberam o desleixo e o abandono a que o mundo oficial tem votado tudo que entre nós é índice e símbolo das virtudes, das ideias, dos sentimentos e crenças do nosso maiores.

Mas não é talvez o nosso país aquele em que mais haja medrado o desrespeito pelo glória de antanho, nem deve ser mesmo o mais pobre em valores arquitectónicos, artis-

ticos ou históricos, embora muitas assim o julguem e afirmem. Sendo certo que o Estado não haja devidamente conservado esse valioso património, uma grande parte d'êlle se mantém, contudo, ao longo das nossas províncias, pelo milagre de persistência, de tenacidade e de patriotismo da iniciativa particular. E essa iniciativa que de vez em quando atravessa da destruição e da ruína, ostentando aos olhos dos profanos, as riquezas que os nossos avós nos legaram e que para nós não devem volver-se apenas para o passado. O passado só deve interessar-nos como base do presente, guia e estímulo do futuro.

Impreito aos valores do passado, para que os portugueses, conhecendo melhor a sua terra e a história d'êlla, mais intensa e religiosamente possam amá-la e servi-la. Mas as nossas simpatias e a nossa atenção não devem volver-se apenas para o passado. O passado só deve interessar-nos como base do presente, guia e estímulo do futuro.



Velhas casinhas nas proximidades da povoação de Évora

Impreito aos valores do passado, para que os portugueses, conhecendo melhor a sua terra e a história d'êlla, mais intensa e religiosamente possam amá-la e servi-la. Mas as nossas simpatias e a nossa atenção não devem volver-se apenas para o passado. O passado só deve interessar-nos como base do presente, guia e estímulo do futuro.

È, por isso, ao lado do testemunho material que nos recorde idas glórias e grandezas, devermos colour também os movimentos da actividade e da mentalidade do nosso tempo, erguendo a par dos padrões de nobreza os modernos padrões de trabalho.

Por isso o nosso inquérito, indo recessar através da província, como documentação do presente, as velhas casas solariegas, os castellos, os mosteiros, os templos, as capellas, as pontes, os pelourinhos, os cruzeiros, os pórticos, os túmulos, tudo que tenha um certo histórico, arquitectónico ou artístico, não desprezará os modernos palácios dos grandes proprietários, cujo impulso e estímulo faz arrotar e produzir a terra pródiga e fecunda.

Não poderá ser completo esse inquérito. As dificuldades da sua realiação são enormes. Tocamos as fontes esbaldilhadas. O próprio tempo, curto e vertiginoso, é um inimigo cruel. Também não temos a pretensão de fazer d'êlla perfeita, por falta de equi-



Velha casinha nas proximidades de Évora - os vestígios d'êlla submergidos, em rasgos inapreciáveis, sob as águas turbulentas do rio Alentejo

ILUSTRAÇÃO

cialização na matéria que vamos tratar. Mas procuraremos ao menos fazer um trabalho consciencioso. E este nosso bom propósito, sendo para os exigentes uma desculpa, deverá satisfazer pelo menos os mais acomodaticios.

O nosso inquérito abrirá pela província do Minho. A isso nos impeliram razões de ordem histórica, demográfica e etnológica.

De facto, o Minho é não só a mais bela província portuguesa, mas também a de população mais densa e a que mais puras conserva as características das primitivas raças que povoaram a península.

Berço da nacionalidade, foram os antigos ricos-homens, infanções e cavaleiros do Conde Henrique e de seu filho que primeiro verteram e calcaram o sangue generoso com que se argamassou uma Pátria, enterrando na velha Galiza os troncos de que brotaram os ramos das mais nobres famílias portuguesas.

O Minho é hoje o mais precioso viveiro arqueológico do país, o seu alfofre mais opulento em lendas e tradições. A riqueza



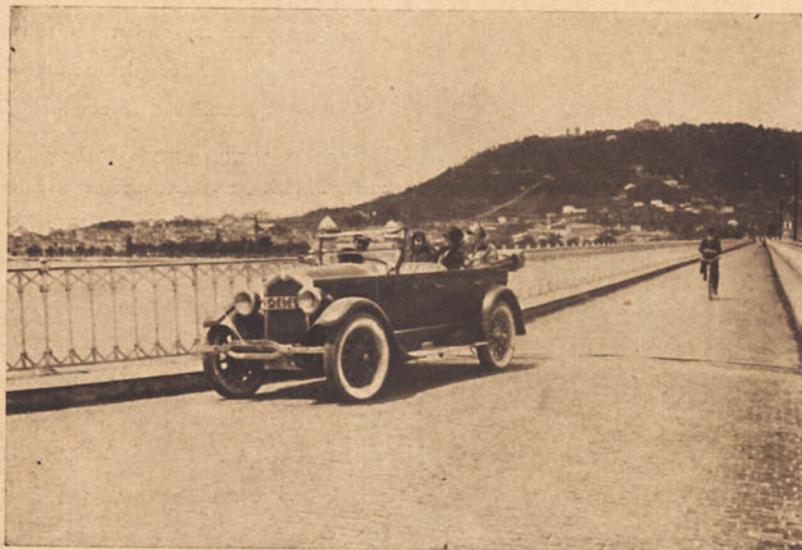
Moinhos de vento nas Marinhas, Espozende

da sua história anda a par com a beleza da sua paisagem. E, se Portugal é o jardim da Europa, o Minho é bem o jardim de Portugal. Não queremos dar a esta ideia foros de originalidade, tanto se tem dito e escrito acerca desta maravilhosa província, que é a delícia e o encantamento de todos os olhos que sabem admirar os prodígios da Natureza.

Se já houve, de facto, organizações doentias, hipocôndriacas temperamentos que não souberam apreciar o Minho, muitos espíritos lúcidos e inteligências brilhantes o descre-

veram e pintaram na policromia dos seus quadros, na magestade e deslumbramento dos seus panoramas soberbos, como Camilo Castelo Branco, D. António da Costa, José Augusto Vieira, D. João de Castro e tantos outros, parecendo, mesmo, ser esta a província portuguesa que mais tem inspirado poetas e prosadores.

É preciso subir, contudo, ao alto das montanhas, ao cume das elevadas serras, para se apreciar verdadeiramente o Minho. É do Sammeiro e de Santa Marta da Falperra, em Braga; do Monte de Santa Luzia, em Viana; da Senhora da Penha, em Guimarães; do Monte da Franqueira, em Barcelos; e das eminências da Cabreira, do Gerez ou do Suajo (alto do Miradouro), que a vista se espraia ilimitadamente por horizontes sem fim, e admira, por encostas, vales e planícies, um interminável tapete de verdura com arvoredos, campos e prados, cortado em tôdas as direcções pela fita prateada dos rios, ribeiros e regatos, mosqueado de casaria branca, de aldeias alegres, de vilas risonhas; nos altos e vertentes alvejando as capelas e santuários, como bandos de pombas; os velhos castelos e solares, os antigos monumentos sobressaindo como pinceladas sobrias e solenes no berrante conjunto do quadro ma-



Vista de Viana do Castelo e do Monte de Santa Luzia



Azenhas no rio Neiva (Minho)

gestoso; os moinhos em meio e à margem das correntes, ou de velas ao vento pelas quebradas dos montes, sugerindo uma impressão de vida e de movimento; e sempre ao fundo, no limite do horizonte, a imensa toalha branca do mar estendendo, agitando a sua longa moldura de prata.

O Minho é certamente a província que maiores tentações, mais enleantes atractivos oferece ao turismo. São as suas deliciosas estâncias de repouso e de recreio: Bom-Jesus, Santa Luzia, Penha; são as águas milagrosas das suas termas: Gerez, Caldeas, Molelo, Monção, Melgaço; são os encantos e a formosura das suas praias: Vila do Conde, Póvoa de Varzim, Apulia, Espozende e Ancora; é o pintoresco de tôdas as suas cidades e vilas, interiores ou da beiramar: Santo-Tirso, Guimarães, Fafe, Póvoa de Lanhoso, Braga, Vila Nova de Famalicão, Barcelos, Vila Verde, Viana do Castelo, Fonte-do-Lima, Arcos de Val-de-Vez, Valença, Caminha, Vila Nova de Cerveira; é a extensa, maravilhosa orla marítima, mórmente desde Espozende à foz do Minho, tôda marchetada de aldeias encantadoras; são, finalmente, as suas montanhas, cruzando-se em todos os sentidos, sucedendo-se e sobrepondo-se umas às outras, e os rios, e os vales,

e as campinas, e os pinheirais, e os soutos, e os bosques, e os palacetes, e os monumentos, tudo oferecendo aos forasteiros, aos turistas uma inextinguível variedade de pontos-de-vista em que os seus olhares se absorvem, a sua alma se prende, o seu espírito se deleita.

O Minho é o mais antigo, venerável solar da Pátria portuguesa. Por êle devia começar, portanto, êste inquérito artístico e monumental, tanto mais que é nas margens do Lima e do Cavado que mais abundam os bons exemplares das velhas casas aristocrá-

ticas, no dizer do sábio arqueólogo braçarense, sr. dr. José Machado.

Em rápido esboço, fica esboçado o programa da nossa tentativa. Oxalá que ela inspire ao menos aos competentes e sabedores o desejo de mais larga e profunda investigação, para demonstrar aos estrangeiros, e convencer os próprios portugueses, de que não pode parecer uma pátria assente em alicerces tão sólidos.

(Fotos de
Alvaro Martins).

REINALDO FERREIRA
E SOUSA MARTINS.

Nota. — O inquérito que vamos iniciar, e que tem de ser fatalmente demorado, abrange apenas, em sua primeira faze, as províncias do Norte: Minho, Trás-os-Montes, Douro e Beiras.

Aos investigadores, arqueólogos ou mesmo curiosos, que tenham conhecimento de velhos solares, conventos, castelos, igrejas e quaisquer outras obras antigas, que se recomendem pela sua arquitectura ou pela sua história, muito agradecemos a fineza de nos fornecerem esclarecimentos sobre o local e estado em que se encontram, com dados descritivos ou indicação de fontes subsidiárias.

A correspondência relativa a esta secção deverá ser dirigida a *Sousa Martins*, Travessa Fernão de Magalhães, 50 — PORTO.

R. F. e S. M.



A igreja de Leça do Balio e sua torre de menagem

BELEZAS ESPANHOLAS



A FORMOSÍSSIMA ARTISTA EMÍLIA PRAXEDES

A S F U R N A S

ILHA DE SÃO MIGUEL

AÇORES

A esquerda começa a aparecer-nos a floresta: — quasi exclusivamente composta de acácias e criptomérias. Mas tão cerrada, que se se nos deparasse em país de leopardos e cascadeis, a considerariamos temeroso solar dos senhores feudais da caverna e da selva.

O arvoredado carrega sobre a estrada, severo de arrogante exuberância. E só nos não infunde realmente pavor por de artemião sabermos que nesta terra cristã não medram inimigos de cristãos. As únicas feras aboletadas na ilha são a doninha, a *comadrinha* do povo, e o milhafre, o açôr dos descobridores: — aquella e este exclusivamente votados ao ataque dos voláteis da capoeira ou do monte, que não recebem no berço águas de baptismo. Além disso, se as sombras das árvores atemorizam, logo surgem a adoçar-lhes a catadura as olorosas graças das hortensias floridas. Marcam-lhes as fronteiras, embrenham-se-lhes pelos domínios. E envolvendo-as, e cortando-lhes os recessos, ora semelham rendas de prego no veludo escuro das ramarias, ora veias de sangue azul no corpo palpitante da floresta.

São filas atrás de filas, umas debruando a estrada, outras perdendo-se nas espessuras, folhagens do verde vigoroso que denuncia saúde, flores polpudas e esplendorosas de mocidade, rocas de fiar o linho dos céus azuis.

A meio do parque fica a lagôa do Congro — cratera vulcânica, transformada em lagôa, que as árvores previdentes vigiam, velhas amigas do homem, no fito de proteger o homem dos vexames do vulcão, se este senhor um dia acorda enjoado e larga a vomitar o fogo das suas entranhas.

Vencida a rampa sombreada de arvoredado, ganhamos os domínios do planalto, onde as *grôtas e grotilhões*, as fendas do solo outrora sulcado pelos rios de lava vindos das crateras, se vestem de urzes mais macias do que franjas de torçal, onde os cerros verdes do nascente ou poente, no pino do verão e no rigor do inverno, raro se descobrem à visita do sol e das estrélas.

Nesta manhã de Agosto estão descobertos, louvando o Senhor. Mas embora descobertos, os do poente muito ao perto, os do nascente muito ao longe, porque a luz não tem a fina transparência do rigor nas regiões de altitude, envolve-os a todos êles, mais aos do longe do que aos do perto, um halo vago que lhes dilui o baleamento das curvas.

O ar é já mais fresco. Safmos do *banho Maria* dos fundos, entramos no banho tónico das alturas.

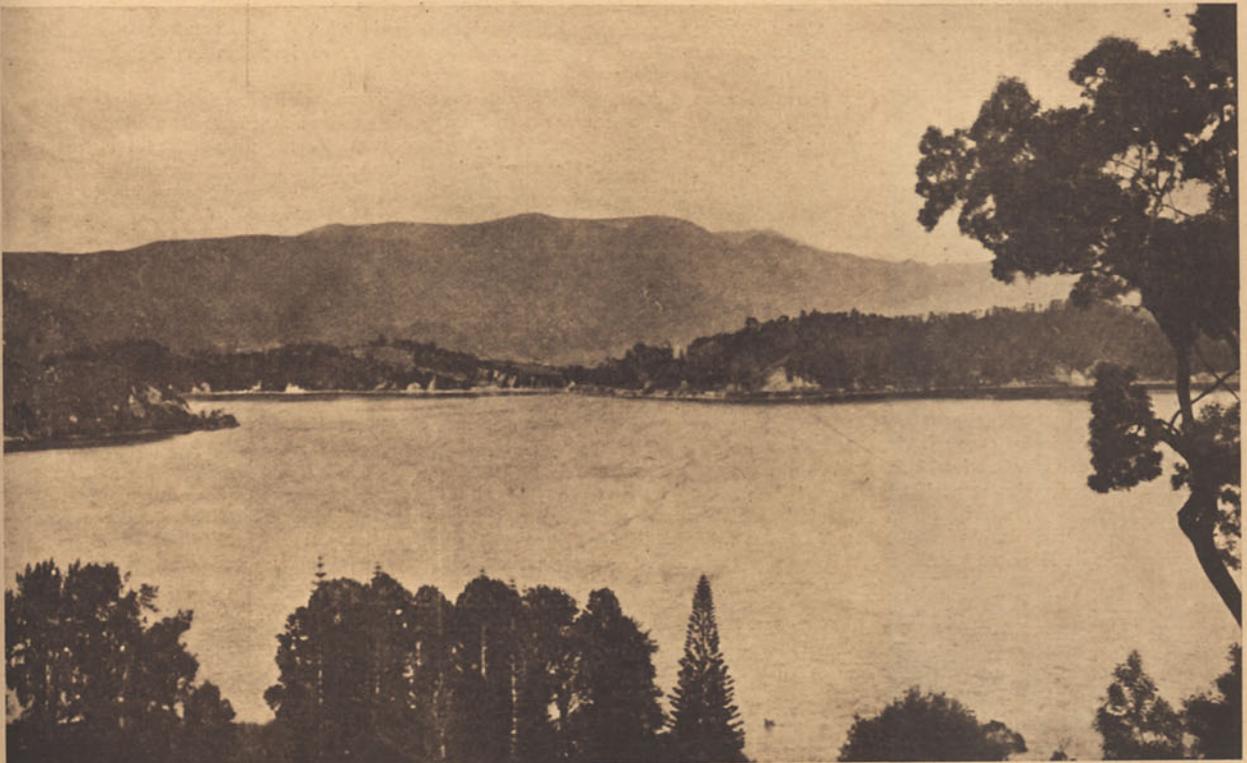
Cá estamos na região deserta das pasta-

gens afamadas, onde não chega a voz do mar, onde não há cabana nem vigia, embora contemos às centenas as cabeças de gado entregues a si próprias — pois na ilha afortunada de S. Miguel nada se guarda, nem o pão nem o presigo, tudo entregue ao Bom Pastor dos nossos pensamentos e obras. São êstes os cumes privilegiados, no douto dizer de Gaspar Frutuoso, «em que não cafu a cinza nem a pedra pomes da segunda erupção vulcânica, em que por isso abunda o trêvo, a herva milhã, o pé de galinha e o feto molar, muito prestadio no verão». E que êstes mimos da opulenta mesa dos herbívoros igualam as excelências das ucharias riais, melhor do que o noticioso cronista do século XVII, o afirmam o pêlo nélio e os uberos fartos das venturosas vacas normandas e holandesas que os saboreiam. São muitas, de facto, aqui umas, outras além, estas deitadas a fazer o quilo, aquelas a servirem-se de mais algumas garfadas.

No fêsto cónico do môrro fronteiro, um bovino negro e branco, a pastar, é o mármore simbólico das cumieiras açoreanas no seu rústico pedestal de bronze.

— Além, a Achada das Furnas — ilucida o chefe do govêrno, a mão firme no volante.

O máximo da altitude no planalto. Julgar-me hia na minha provincia, em Traz-os-Montes, entre cêrros alterosos, se não olhasse à brotoeja aveludada dos declives, se não



A célebre Lagoa das Furnas

(Clitê Vilor Cruz).

sentisse a densidade húmida da atmosfera. E se não fôsse, em especial, o traço inconfundível das hortensias floridas, que resurge nas alturas, riscando a estrada de azul, pondo laivos de céu no verde luzidío da montanha.

Não, estas estradas miguelinas não foram gisadas por engenheiros, não são concertadas por cantoneiros. São obra de jardineiros; são perturbantes arruamentos de jardim — de todo este jardim, variado de formas e espécies, que é a ilha de S. Miguel.

O motor mal respira ao longo dos plainos da Achada. No fim de tudo, de terra e céu, vemos agora a Serra do Trigo, arqueada para além do vale das Furnas. Nisto, começamos a descer. O Pico do Ferro, à nossa direita, hirsúto de ramos, parece estar ali para nos ensinar o caminho. A estrada toma de súbito os curveteios das escadas de caracol — toda enroscada aos pendores do Pico de Duarte Pacheco. Transpomos certa curva. O talude sul abate-se de repente, de repente desaparece. E em vez d'êlo, à sofreguidão dos meus olhos abre-se um dos maiores momentos do seu activo de caçadores de impressões.

Chegamos às *Pedras do Galego*. Encontramo-nos a seiscentos metros acima do nível do vale das Furnas, que se nos apresenta ao fundo, no remate de vertentes talladas a fio de prumo.

O auto estaca rente ao muro que o protege da vertigem do abismo. E eu considero-me na carlinga de aeroplano, sobranceiro aos campos, às ravinas, às espécies, átomo perdido na luminosa liberdade do azul. E eu abençoo as crises vulcânicas desta ilha, que aparelharam estas crateras formidáveis, donde a morte espumava, rugia e destruiu, onde hoje a vida assume as tonalidades de hossanas ao Criador.

O, o vale, lá em baixo, tão perto que nos parece ao alcance da mão, se estendermos o braço, e tão longe que um grito soltado cá do alto se perde a meio do caminho. Aconchegado, aberto a tólas as louçanias dos vergeis, hospitaleiro para todos os séres da floresta, mais espaçoso no sentido do comprimeito, de norte a sul, do que no da largura, entre as escarpas do poente e nascente. Os milharais da estação cobrem-lhe dois terços do mergadão — e o outro terço dá-o êle ao aglomerado branco da casaria, ao convívio das caldeiras fumegantes, aos porques mais notáveis destes reinos de El-Rei Prodigio. Muito verde, muito lavado, muito perfumado, fazem-lhe a corte, protegendo-o dos insultos hibernais do quadrante, os picos de melhor ascendência.

Veem uns do sul, veem outros do nascente, estes daqui, aqueles dacolá, rodeando-o em ar de cortezões de bom zêlo. E porque respectam a doce inocência das onze mil virgens que sobem e descem a escada triunfal da sinfonia dos verdes, todos êles se perfilam nos seus postos, gravemente, fardados pelo rigor da etiqueta. Aquelles, os do nascente, filhos legítimos da serra do Trigo, vestem de crespo astrakan com vivos de sêda azul — a estrada nova, vistosa de laçaretos, pontuada de hortensias, que sobe para a Povoação. Os do Salto do Cavallo, ao norte, a afrontarem-nos da esquerda, êstes trajam felpudas peliças, com o adôrno exquisito de púas de porco espinho espetadas ao acaso — esqueletos nus, esqueletos lívidos de árvores que morreram de meia idade, pois aqui as vegetações cres-



Uma das caldeiras das Furnas

(Cliché Vilor Cruz).

cem em ritmo acelerado e morrem no mesmo ritmo.

Alto! Agora os do poente, os dos pendores visinhos do Pico do Ferro. As suas espadas ficam-nos a tiro de caçadeira — distancadas de nós pela ruga vertical do precipício que separou a vertente de cá da vertente de lá. Enxerga-se-lhe nítida a qualidade do vestuário. Cortada no estôlo espesso que os ciplopes conheceram antes d'êles, a sua pelagem hirsúta adensa-se em coma de floresta. Tão densa, sem excluir a que irrompe da alma dos fragedos, que afoga os próprios taludes a pique, que cavalga as cristas dos mais subidos cabeços. Mas nem êstes, apesar da sua hirta altivez(desdenham os distintivos da pragmática. Aquelles usam na farda vivos de sêda azul. Êstes ostentam nos refegos, ou abas dectadas da farda, o ouro das condecorações protocolares — a flor amarela da centeira, arbusto intruso, nado no oriente, cujas flores doiradas, em rutilos cachos, são *rocas de Vênus* para clero e nobreza, e para o povo... milho de rato.

Continuamos a descida, murmurando e exaltando. O carro escorrega, não desce. Por vezes soluça, os eixos doridos da pressão dos travões. Até que, ao apanhar-se em baixo, no regaço da planura, sob os braços dos platanos, é vê-lo girar, na leveza e zumbido do mosquito ou da vêspera. Mete direito ás Furnas, às *Bôcas do Inferno* — que já vemos adiante, a distância semelhante furunculos ruins no corpo da madre terra. O ar mal se respira, saturado de exalações sulfúreas. Aproximamo-nos e paramos — para vermos à luz do sol, o que viramos já sob bâtegas de chuva.

A impressão da segunda visita em nada diminue a da primeira. Talvez antes a exceda, pelos fulgores de chama que o sol uma ou outra vez acende na fumarada glauca das crateras.

São crateras minúsculas, bocarras de greda lambuzadas de lava, vomitando enxofre ardente, golfando águas ferventes. Algumas, as que tecem em redor muros de pedra circulares, as *caldeiras*, são tal qual pípos de cachimbo — os cachimbos por onde o senhor vulcão oculto, não adormecido, fuma o seu tabaco sulfúreo. Outras, como a temerosa

caldeira de Pero Botelho, escancarada num comoro de betume e rocha, são veras fauces ameaçadoras de dragões — e lançam das entranhas, com jactos de lava, os seus roncos de ferocidade.

Algumas delas julgamo-las com flactulências — expelindo gases.

O solo é quente, a ponto dos arbustos secarem ao seu bafo e os gados o procurarem no inverno — não as aves, que se se abeiram demais, por vezes tombam asfixiadas.

Põe-se-lhe a mão — e sente-se a temperatura dos corpos vivos. Abre-se-lhe uma fenda — e o fumo rompe com gases a silvar. E daqui, e dali, as águas térmicas, as águas sulfúreas, as águas ferreas, as águas bicarbonetadas gorgolejam, rolam em fios de suor, caem no barranco da Ribeira Quente — de enjo leito, do seio betuminoso das próprias águas, se levantam outros *geyser's* fumarentos.

E ninguém se acobarda a êstes roncos de feras. E nada se intimida a estas fumaças de colera. Nem o humano, nem o vegetal. O humano quasi lhe põe em cima as suas casas, os seus balneários, os seus jardins, os seus recreios. O vegetal, é só vê-lo em volta, no contorno das *Bôcas do Inferno* — os milhos folgados que nem pendões de guerra, as árvores mais crescidas do que tórreres góticas. Até os ninhos se fabricam por aqui aos milhares, e se multiplicam em penas de tódas as côres, e se desentranham em filarmónicas para tólas as rapsódias.

A fraqueza a negacear a fôrça. O mistério pálpavel das germinações e dos frutos a fazer pouco do mistério latente das origens e das finalidades.

E a confiança do homem, e a calma da vegetação, e a despreocupação dos volatéis — oh, os galos dão o meio dia, aqui perto! — organizam e regem a massa orquestral da vitória da vida sobre a morte.

Por isso, ao retirar-me das *Furnas*, as climinês da central que produz a energia de todos êstes rebentos, de todos êstes primores, eu penso no vulcão que ruga sob o meu pé — e abençoo o vulcão.

(«Ilhas das três Formosuras»).

OS MILIONARIOS ESQUECIDOS

OS ARGENTARIOS DA ANTIGUIDADE ERAM MUITO MAIS RICOS DO QUE OS DE HOJE

Se a riqueza tem de ser medida pelo custo da vida, então muitos dos plutocratas do passado não ficaram a dever nada a Henry Ford actualmente saudado como o primeiro milionário da História.

Herodoto, Diodoro e Plutarco deixaram-nos algumas informações preciosas acerca dos ricos da antiguidade. O primeiro destes, cuja figura quasi se perde nas névoas da lenda era o faraó egípcio Raméses III, também conhecido pelo nome de Rhampsinitus, e o qual reinou haverá uns três mil anos. Em riquezas ultrapassou todos os seus predecessores, assim como os excedeu também no amor com que acumulava essas riquezas. Diodoro calculava a fortuna desse faraó em uns 400.000 talentos, pouco mais ou menos uns quinhentos milhões de *dollars* em moeda actual. No valor de compra desse período, a fortuna de Ramezes III seria equivalente a vinte vezes mais. Quer dizer que a riqueza do opulentíssimo autocrata egípcio andaria á roda de dez biliões de *dollars* do nosso tempo!

Para dar uma idéa do que seria a moeda mil anos antes de Cristo bastará somente dizer que um boi gordo custava um *dollar* ou ainda menos; que um alqueire de trigo valia no mercado uns doze cêntimos de *dollar* — coisa aí de seis escudos — e que o custo de um dia de trabalho ia de 12 a 20 cêntimos do *dollar*, isto é um máximo de 12 escudos.

Para a conservação e segurança do seu enorme tesouro Ramezes III fizera edificar junto do seu palácio um edificio especial todo em pedra. Mas Herodoto elucida que um architecto de consciência maleável pusera nesse edificio um bloco de pedra completamente solto e o qual depois de afastalo permitiria com facilidade a entrada de um homem junto de todas aquellas toneladas de ouro. Teve sempre medo de se utilizar daquela entrada secreta mas no leito de morte contou aos filhos o seu segredo o que permitiu a estes enriquecerem-se á vontade até que o caso foi descoberto e a mina de ouro se esgotou para os dois filhos do pouco escrupuloso architecto.

Aqui há uns anos o que Herodoto e Diodoro nos contam seria considerado apenas

tassem de pedras preciosas os mais comuns dos utensilios domésticos.

E a propósito recordemos que enormes trabalhos não ordenaram estes velhos faraós! Kheops, que reinou um pouco mais tarde do que Ramezes III conservou, trabalhando sempre e durante vinte anos na sua célebre pirâmide, cem mil homens!... Modernamente, servindo-nos da dedução e baseados nas inscrições e achados arqueológicos, todos poderemos asseverar que esse exército de trabalhadores da pirâmide trabalhou com uma eficiência e um metodo utilizando instrumentos e saberes que podem ser comparados sem receio aos métodos e meios de construção hoje empregados na moderna arte de construir.

E o esparto a respeito das riquezas e cons-



John D. Rockefeller, o homem mais rico do mundo



O barão Henri de Rothschild, o mais célebre arquimilionário da Europa

truções dos egípcios cresce à medida que nos lembramos de que o seu país não era mais largo que um terço de Massachusetts e que a sua população não foi nunca muito mais além de 7 milhões. Não obstante, os egípcios sabiam muito bem como actuar no seu país, disciplinando-se num todo orgânico e conquistando povos que trabalhassem por eles e para eles.

Creso é um outro herói de Herodoto. Ninguém sabe ao certo que somas fabulosas possuía este soberano da Lídia, mas o seu nome tornou-se um símbolo de incontestável opulência. Poderá ter-se uma idéa do seu poderio se dissermos que propiciatória oferta enviou ao oráculo de Delfos. Essa oferta que tinha por fim obter o favor dos deuses na campanha que o opulentíssimo autocrata ia

empreender contra as hostes do Rei dos Persas, consistia numa pirâmide de 117 tijolos, muitos dos quaes... em ouro massiço e pesando cada um 400 libras (perto de 190 quilos de hoje). A pirâmide tinha no vértice um lião de ouro que pesava 800 libras (perto de 370 quilos). O presente incluía também enormes taças de ouro e prata, colares e farta copia de dinheiro. Por outras palavras: o presente deveria valer em moeda actual uns dez milhões de *dollars* mas é necessário ter em vista o valor de compra do período em que viveu Creso, de onde resultará que multiplicado o valor referido por vinte, encontrar-nos-hemos em presença duma dádiva aos deuses que valia a bagatela de uns duzentos milhões de *dollars*!... Verdade seja porém que os deuses não estiveram pelos

ajustes pois que, a-pesar de tão copioso tributo, o oráculo não concedeu a vitória que o fabuloso ricao coroado tanto pedia!...

Alguns dos parentes de Creso parece terem nadado em ouro tanto como o celeberrimo soberano. Pythius, seu parente muito afastado, diz-se ter enviado a Xerxes um penhor da sua estima e consideração, sob a forma de dinheiro e o qual orçava por vinte e quatro milhões de *dollars*. Como Xerxes ficasse pasmado, hesitante mesmo perante tão fabulosa prenda, Pythias assegurou-lhe que não passava duma ninharia aquilo que lhe estava ofertando... Multipliquem porem os senhores aquela *ninharia* por vinte também, e logo verão que não anda longe de meio bilhão de *dollars*!... Em verdade, de poucos presentes resa a história tão valiosos como este!...

Salomão tinha uma renda annual de 20 milhões de *dollars* — moeda de hoje — o que o colocaria na classe dos Rockfellers. Sardapalo e Nero eram magnates que nadavam em ouro por assim dizer: quanto a Luctulo esse gastava fortunas nas suas festas e numa vida de dissipação. E duas rafnhas por demais célebres — a de Sabá e a do Egípto, a mil vezes citada Cleopatra — eram também senhoras de copiosos meios de fortuna.

Excepção feita de certos períodos lamentosos, parece não terem faltado na história as épocas em que se tornavam celebradas as riquezas fabulosas de certos individuos ou familias. Até pelo século XIV falava-se muito de vários homens opulentísimos da Inglaterra como por exemplo William De la Pole e Dick Whittington. O primeiro emprestou de uma vez ao seu soberano o equivalente a um milhão de libras esterlinas — que nunca mais recebeu, diga-se desde já. E o bom Dick Whittington também por seu turno teve de considerar bastante dispendioso o gosar do favor real porque, segundo se diz, numa reunião festiva que deu, teve o grande gesto e a formidável basófia de queimar na presença do seu soberano os documentos relativos às dívidas deste para com elle, Dick Whittington, e documentos esses que acusavam o pequeno débito de um milhão de *dollars*!...

Nos séculos XV e XVI as familias dos Medicis, em Florença e dos Fugger em Augsburg dominavam o mundo da finança. Eram elles os Rothschilds, os Rockefeller e os Fords do tempo, faziam reis e muitas vezes o destino da Europa esteve nas suas mãos. Incidentalmente e a título de mera informação diremos ao leitor que a fortuna da familia Rothschild abrangendo todos os ramos desta, era calculada antes da Grande Guerra nuns quatrocentos milhões de libras esterlinas ou a ninharia de dois bilhões de *dollars*!

(Anglo-American N. S. Copyright).

Mais forte

UM ACTO DE AUGUSTO STRINDBERG

DESENHOS DE
STUART CARVALHAIS

Sem deixar de prestar primordial atenção aos assuntos nacionais, a «Ilustração», pela variedade e interêsse das suas páginas, por onde desfilam os nomes mais prestigiosos da nossa literatura e as figuras mais relevantes da Europa contemporânea, já hoje pode ser considerada como uma revista de amplitude universal.

Hoje, brindamos aos nossos leitores uma magnífica peça, ainda desconhecida em Portugal, do célebre dramaturgo sueco, Augusto Strindberg, onde se destacam as fortes características da sua personalidade, autor da formidável tragédia «O País», que, com a «Menina Júlia», é o mais saliente do seu teatro. Strindberg nasceu em Estocolmo, em 22 de Janeiro de 1849, e morreu a 18 de Maio de 1912.

ACTO ÚNICO

PERSONAGENS: Senhora X, actriz, casada;
Menina Z, actriz, solteira.

Ao canto dum café de senhoras; duas mesas de ferro, um sofá de veludo encarnado e algumas cadeiras.

A senhora X entra de vestido de inverno, de casaco e chapéu, trazendo nos braços uma fina cestinha japonesa.

A menina Z está sentada diante duma garrafa de cerveja, quasi vazia; lê um jornal ilustrado, que vai substituindo por outros.

SENHORA X—Olá, querida Amélia! Mas estás aqui sósinha, na véspera do Natal, como uma pobre solteirona!

MENINA Z (levanta os olhos do jornal, faz um movimento de cabeça e continua a ler).

SENHORA X—Paz-me pena vêr-te só, completamente só, num café, na véspera do Natal. Isto impressiona-me tanto, como uma vez quando vi em Paris um casamento num restaurante; a noiva lia um jornal humorístico e o noivo jogava o bilhar com as testemunhas. Oh! — pensei. — Com semelhante princípio, a vida que farei e o fim que os espera! O noivo, jogando o bilhar na tarde do casamento. E a noiva, lendo um jornal humorístico. Compreendes? Não era precisamente isso o que deviam fazer!

(Entra uma criada, serve à Senhora X um chocolate e sai outra vez). Permite-me que te diga uma coisa, Amélia. Porque não o conservaste? Andaste muito mal! Agora é que vejo. Eu fui a primeira a dizer-te: Perdó-a-lhe! Lembras-te? Podias agora estar casada e teres a tua casinha. Lembras-te do último Natal? Que feliz foste, passando-o no campo, em casa dos pais do teu prometido! Pouco saboreavas a felicidade do lar! Quasi que chegaste a sentir desejos de deixar o teatro. Oh, sim, Amélia, acredita! A casa é o melhor que há—depois do teatro, é claro,—e os filhos, não vês? Ah, não! Tu não comprehendes estas coisas!

MENINA Z (adopta um ar desdenhoso).

SENHORA X (bebe alguns goles; abre depois o seu cestinho e mostra à amiga os presentes do Natal)—Olha o que eu comprei para os meus pequenos. (Mostrando uma boneca) Vês? É para a Luísa. Gostas? Fecha os olhos e volta a cabeça. E, que tal? E esta pistola, para Maíã. (Carrega-a e dispara sobre a menina Z).

MENINA Z (tem um gesto de temor).

SENHORA X—Tens medo? Julgavas que queria matar-te? Eh? Palavra de honra que estou convencida que pensaste isso! Se fosses tu quem me quizesse matar a mim, não me surpreenderia tanto, porque, afinal de contas, fui eu quem se atravessou no teu caminho, e sei que não o podes esquecer, a pesar de que, por minha parte, estou completamente inocente. Pensas ainda que foram as minhas intrigas que te retiraram do Grande Teatro; mas se eu não intriguei; Não, não! Juro-te! Não fiz nada contra ti! Mas, para que gastar saliva, se julgas que fui eu?... (Mostra um par de chinélos bordados). Estes são para meu marido! Com tulipas bordadas por mim. Eu detesto as tulipas; mas elle adora-as, não pode viver sem elas.

MENINA Z (olha por cima do jornal, irónica e curiosa).

SENHORA X (mete uma mão em cada chinélo)—Olha que pésinhos tem o Bob! E se visses que andar tão elegante! Tu nunca o viste de chinélos?

MENINA Z (ri às gargalhadas).

SENHORA X—Olha, olha! (Faz andar as chinélas pela mesa).

MENINA Z (ri às gargalhadas).

SENHORA X—E, quando se zanga, bate assim com os pés no chão: «Estes diabos, que não hão de aprender nunca a fazer o café! Oh! E não aparraram, como deviam, a torcida da lâmpada!» Depois, é a corrente de ar que sobe do chão e lhe arrefece os pés. «Men Deus, que frio, e essas palermas que não sabem tratar da estufa!» (Põe um chinélo em cima do outro, estregando a sola do primeiro com a frente do segundo).

MENINA Z (ri às gargalhadas).

SENHORA X—Depois, ao chegar a casa, procura os chinélos, que a criada meteu debaixo do guarda-vestidos... Bom; que não é bonito trocar-se assim com o marido. A pesar de tudo, é muito gentil e está muito bem no seu papel de marido. Tu precisavas dum marido assim, Amélia. Porque te ris? Porque? Rin? Além disso, sei que me é fiel, sim, sei! Ele próprio contou-me tudo... De que te ris? Quando fiz a tournée pela Noruega, essa



ascorosa da Frederica tentou seduzi-lo. Calcula que infâmia! (Pausa). Ah, se ela se atrevesse na minha frente, arrancava-lhe os olhos. (Pausa). Foi muito melhor que o Bob mo contasse, porque se chego a sabê-lo por outrem... (Pausa). E não julgues que foi só a Frederica. Não sei porquê, mas tôdas gostam do meu marido! Bem se vê que pensam que tem alguma influência nos contratos dos teatro, pelo facto de estar no ministério. Até tu, quem sabe!, já reparaste nele. Antigamente não me inspiravas grande confiança; mas agora *consta-me* que não se interessa por ti e tenho a impressão que tu lhe guardas uma pontinha de rancor, não é assim? (Pausa. *Olham-se embaraçadas*). Anda esta noite a nossa casa, e demonstra assim que não nos queres mil, que pelo menos não me queres mal a mim. Não sei, mas parece-me que é extremamente desagradável estar-se zangada contigo. Talvez fôsse porque me atravessei no teu caminho. (Pausa). Oh... não sei... Francamente, não sei porquê!

MENINA Z (*olha para a senhora X com curiosidade. Pausa*).

SENHORA X (*pensativa*)—O começo das nossas relações foi tão estranho! Quando te vi pela primeira vez, tive medo de ti; tanto medo, que não te queria perder de vista; sempre estava ao teu lado. Não tive coragem de ser tua inimiga e por isso fui tua amiga. Sempre que entravas em minha casa havia um desgosto; eu via que meu marido não te podia suportar, e isto fazia-me sentir mal, como quando levamos um vestido que não nos assenta bem. Eu fazia impossíveis para que se mostrasse amável contigo; mas só o consegui quando travaste relações com o teu noivo. Estabeleceu-se então entre vocês uma cordial amizade; dava a impressão de que, até então, nenhum de vocês tiveram coragem para mostrar os seus verdadeiros sentimentos... e que se então o faziam, era porque já estavam a coberto... Que succedeu depois de tudo isto?... Eu—que estranho!—não sentia ciúmes!... Lembro-me muito bem no dia do baptizado, em que tu foste madrinha, que o obriguei a beijar-te...; êle obedeceu, mas a ti fêz-te muita impressão; isto é, eu então não reparéi... nem depois também não... Só agora! (*Levanta-se, de súbito*). Porque não dizes nada? Não disseste a menor palavra desde que cheguei; deixaste-me falar a mim só. Com êsses olhos debaste os pensamentos encerrados na minha cabeça, como a seda no casulo. Pensamentos... suspicatas talvez!... Deixa-me reflectir... Porque rompestes as relações com o teu noivo? Porque desde então não voltaste a nossa casa? Porque não queres lá ir esta noite?

MENINA Z (*Faz ad mane de querer falar*).

SENHORA X—Cala-te. Escusas de me dizer nada, pois agora já compreendo tudo. Era por isso, e por isto, e por aquilo. Sim, sim! Agora tôdas as contas estão liquidadas. Não há dúvida. (*Em tom de desprêzo*). Não me quero sentar à mesa onde tu estiveres! (*Leva os embrulhos para outra mesa*). Por isso tive eu que lhe bordar as tulipas nos chinelos, embora as deteste: porque tu gostas de tulipas. (*Atira os chinelos ao chão*). Por isso passamos o verão nas margens do Mälaren: porque tu não gostas do mar. E meu filho chama-se Eskil, porque assim se chamava o teu pai. E eu tive que usar as tuas côres, ler os teus escriptores preferidos, comer os pratos que te agradam, beber as bebidas do teu

gôsto, o chocolate, por exemplo; e ainda... Oh, meu Deus!... É abominável, quando me lembro; é abominável!... Tudo, tudo vinha de ti para mim, até as tuas paixões! A tua alma embrenhou-se na minha como um verme numa maçã, roendo, roendo, cavando, até não deixar senão pele e uma porção de pó negro. Eu queria fugir de ti, mas não podia; estavas ali como uma serpente, fascinando-me com os teus olhos pretos... Só me sentia com azas de voar para ti. Estava na água, com os pés atados, e quanto mais queria brucejar, mais mergulhava, e lá no fundo, tu, como um gigantesco carangueijo, esperavas-me cheia de alegria para me cravares as tuas unhas... E agora, sou eu!... Ah, como te odeio, como te odeio, como te odeio!... E tu continuas aí, sentada, tranqüilla, calada, indiferente, sem te importares se estamos em lua nova ou em quarto mingante, se estamos no Natal ou em Corpus, se os outros são felizes ou desgraçados; incapaz de ódio nem de amor; imóvel como uma egózia diante da lura dum rato... Não podes caçar a prêsa, mas podes esperá-la!... E tu estás aqui, no teu esconderijo... Não sabes que a êste esconderijo, por ser teu, lhe chamam «a rateira»? Lê os jornais par ver se succede alguma desgraça a alguém, se alguém cain na miséria ou se expulsaram alguém do teatro; metes-te aqui, esperando a alegria de apanhares uma prêsa; contas as tuas vitórias, como um piloto o seu naufrágio; recebes os teus tributos. Pobre Amélia! Tenho pena de ti porque sei que és desgraçada; desgraçada porque te sentes ferida, e é precisamente isso que te faz malvada... Ainda que quizesse, não me poderia zangar contigo... afinal de contas, és a mais fraeca... sim; o que houve entre ti e o Bob não me preocupa nada. Que me pode preocupar, afinal, que fôsses tu ou qualquer outra quem me

habitasse a tomar chocolate? (*Toma uma colher de chocolate com ar indiferente*). O chocolate, a pesar de tudo, faz muito bem à saúde! E se aprendi contigo a vestir-me, foi para atraír mais o meu marido; assim, tu ias perdendo o que eu ganhava... Sim. A julgar por certos sintomas claríssimos, tenho a certeza de que já o perdeste!... Mas pensavas deerto que eu estava disposta a compartilhar... como tu fizeste, e isso é o que agora mais te doi... Mas eu não esteu disposta a isso... Não sejamos mesquinhas... Porque não vai ficar só com o que ninguém quer!... Afinal de contas, talvez seja eu a mais forte... Tu nunca recebeste nada de mim; tu limitaste-te a dar-me o que tinhas... e agora en faço como o ladrão do cento: quando despertaste, eu já tinha em meu poder tudo o que te faltava. Depois, nas tuas mãos, tudo perde o seu valor, tudo é estéril. Não pudeste conservar o amor dum homem como as tuas tulipas e as tuas paixões... eu, em compensação, pude; não pudeste aprender, como eu, nos teus livros a arte da vida; não pudeste conseguir um pequeno Eskil. E porque te calas sempre, sempre? Cheguei a crer que isso era uma força; mas isso é, talvez, porque não tenhas nada que dizer, porque não sabes pensar nada! (*Levanta-se e apanha os chinelos*). E agora, regresso a minha casa... e levo as tulipas... as tuas tulipas. Não soubeste aprender nada dos outros, não te soubeste adaptar... e por isso quebraste como um junco sêco! Eu, em compensação, estou inteira! Obrigada, Amélia, por tôdas as tuas lições! Obrigada, sobretudo, porque ensinaste meu marido a amar! Agora, regresso a casa para o amar. (*Sai*).

FIM



OXFORD

VISTO DE PORTUGAL...

Abel Hermant disse: «Os romancistas de hoje são grandes viajantes.»

Eu digo: todos os novos de hoje sonham viajar.

...E ambos temos razão. No século, em que a palavra «distância» quasi já nem tem sentido... o mundo é pequeno para a fantasia do romancista e para a da mocidade.

O romancista moderno sente a necessidade do imprevisto, da sensação inélita. Escaldado-o o desejo de ver o que ninguém visse, de contar o que ninguém contasse. Aninha-se nêlo o espírito da aventura. Júlio Verne parece filho da nossa época... O «maravilhoso», o «desconhecido» a «pesquisa do estranho» — eis o que o fascina o escritor século xx!

Os novos de hoje assemelham-se-lhe. E compreende-se... Olham para o oceano e vêem as grandes transatlânticos, sulcando as ondas que mal os podem balançar; transatlânticos que são contos de «fécies», onde o prazer, o luxo e a comodidade alvejam de dia e se iluminam de noite... Ah! ao vê-les mar em fóra, quais os olhos moços que não anseiam por outras terras?...

...E os mesmos voltam-se depois para o céu e vêem as asas dum avião que segue viagem por uma estrada tôda azul, tendo o mundo por insignificante — lá do alto, lá de perto do sol...

...E ainda os mesmos ficam-se então inquietos pelo verde do mar e pelo azul do céu que, um dia — dia de boa sorte... — também os poderão conduzir às paragens longínquas que falam de mistério, de sedução — que falam à fantasia!...

— Eis porque Abel Hermant e eu temos ambas razão.

Mas são estes os únicos factores que concorrem para que os novos de hoje amem, acima de tudo, o movimento, a viagem, o imprevisto, o inédito?... De certo que não. Lá temos os inúmeros livros de viagens, que se publicam hoje em dia, contando as impressões colhidas pelos autores, aqui e além, e enfeitando aquêles que os folheiam e infiltrando nos espíritos modernos a convicção, de que não se sabe o que é viver, quando se não haja percorrido as cinco partes do mundo.

Tais livros são como as campainhas de cer-

tos cinemas que, chamando a atenção de quem passa, convidam a entrar e evocam todo o prazer do espectáculo. Tais livros são uma varinha mágica que patenteia todo um cenário de fantástica beleza, onde os olhos cegam para a realidade e apenas sabem ver o maravilhoso forjado.

O viajar chega mesmo a constituir um vício, uma bebida perigosa que, tomada em excesso, ententece... Creio que será o caso de certos turistas estrangeiros que, às vezes, vemos passar por aí, em cujo olhar esgazado, em cujas silhuetas desconcertadas se reflecte o quer que seja de anormal... São dos tais que já chegaram ao ponto de não poder viver sem o filtro mágico do movimento perpétuo, da viagem permanente...

...Como se a própria vila não fôsse já uma longa, uma exaustiva viagem!

*
*
*

Pois Abel Hermant não saía fóra da regra. As «Sensações de Oxford» de Paul Bourget constituíram para êle a «campainha-rêclamo» que lhe acordou o sentido de vir a gozar o encanto da velha universitária cidade inglesa. E teve ciúmes — ciúmes de que Bourget houvesse primeiro do que êle, penetrado nesse ambiente acolhedor e inesquecível «duma das três cidades do mundo, que se pode, que se deve amar como peccas». Abel Hermant cusa afirmar, alto e bom som, que: «Para aquêles que, sem vaidade excessiva, se podem lisengear de não ser bárbaros, Oxford é a segunda pátria indicada.»

E isto foi uma cadeia. Bourget despertou em Hermant o desejo, de sentir latejar de perto as veias de Oxford. Hermant, com a sua arte de bom escritor, trouxe-nos o apêlito de, por nessa vez, chegarmos ainda a «travar relações» com essa eternamente velha e eternamente moça cidade britânica...

...E, entretanto, vamo-la mirando, cá do longe.

«Eternamente velha e eternamente moça» é, à primeira vista, expressão um tanto paradoxal... Porém não vejo de outra que melhor convenha, para definir o que de histórico, o

que de antigo e tradicional se alberga em Oxford, e simultaneamente o que de evolutivo nos oferecem as sucessivas gerações que se abrigam nos muitos colégios dessa cidade universitária das terras de além-Mancha.

Coimbra, a nossa bela, a nossa adorável Coimbra, que nenhum poeta nosso supenho deixou de cantar... Coimbra que é o mais mimoso e poético recanto dêste Portugal pequeno... Coimbra que é todo um poema de graça, de evocação, de amor e de saúde... Coimbra — que espantoso contraste com Oxford!...

...E porquê? Pela razão simples de que nós e os ingleses somos dois povos de educações, de princípios, de sistemas opostos. O que para êles vale ouro — para nós vale cobre. O que para êles é sagrado — é profano para nós. Seguimos rotas diferentes. Eles optam pela direita — nós antes pela esquerda... Daqui a novidade e o interêsse que, a nossos olhos curiosos, tem êsse Oxford, de que falam Bourget e Hermant — e outros que lhe sabcrearem o encanto.

Algumas notas sintéticas bastarão para demonstrar as duas feições típicas dessa «princesa» britânica: o culto da tradição, e o culto do progresso.

Entre as várias recordações que Hermant trouxe de Oxford, deparam-se-nos a dum grande castanheiro, a que chamam «Heber'stree» — por ficar sobranceiro ao quarto habitado por Heber, quando estudante em *Brasenose College*. E ainda a da «álea de Addison», por ser a preferida pelo célebre estadista, nos seus tempos de estudante. E ainda a da guitarra, em que Percy Bysshe Shelley, o genial poeta, dava largas a um lirismo que não cabia apenas em versos... E ainda a de duas áleas de ulmeiros, cuja altura colossal subjuga quem os olha, e cuja antiguidade fala das muitas gerações que per êles têm passado. Dois monumentos vegetais que fazem parte das preciosidades de Oxford, onde nem só as pedras têm tradição e são conservadas, com desvelo e ufania.

Contrastando com semelhante espírito de conservação e culto do antigo — apanágio do povo inglês — eis que logo Abel Hermant nos descreve a vida higiênica e desportiva, que, nos intervalos do estudo, levam as mocidades frescas e sãs, que êle viu espalhadas pelos vinte e quatro colégios que existem em Oxford.

...E acode-nos à mente Coimbra, onde nem as pedras nem as árvores são tratadas com o devido carinho, ou são conservadas, através de séculos, com a veneração, a que tinham direito, pelo que de histórico e lendário há nelas; e onde a mocidade estudiosa que passa pela sua universidade, ignora o que seja uma «vida higiênica e desportiva».

EM TERRA DE Pescadores

OS BARCOS INVALIDOS

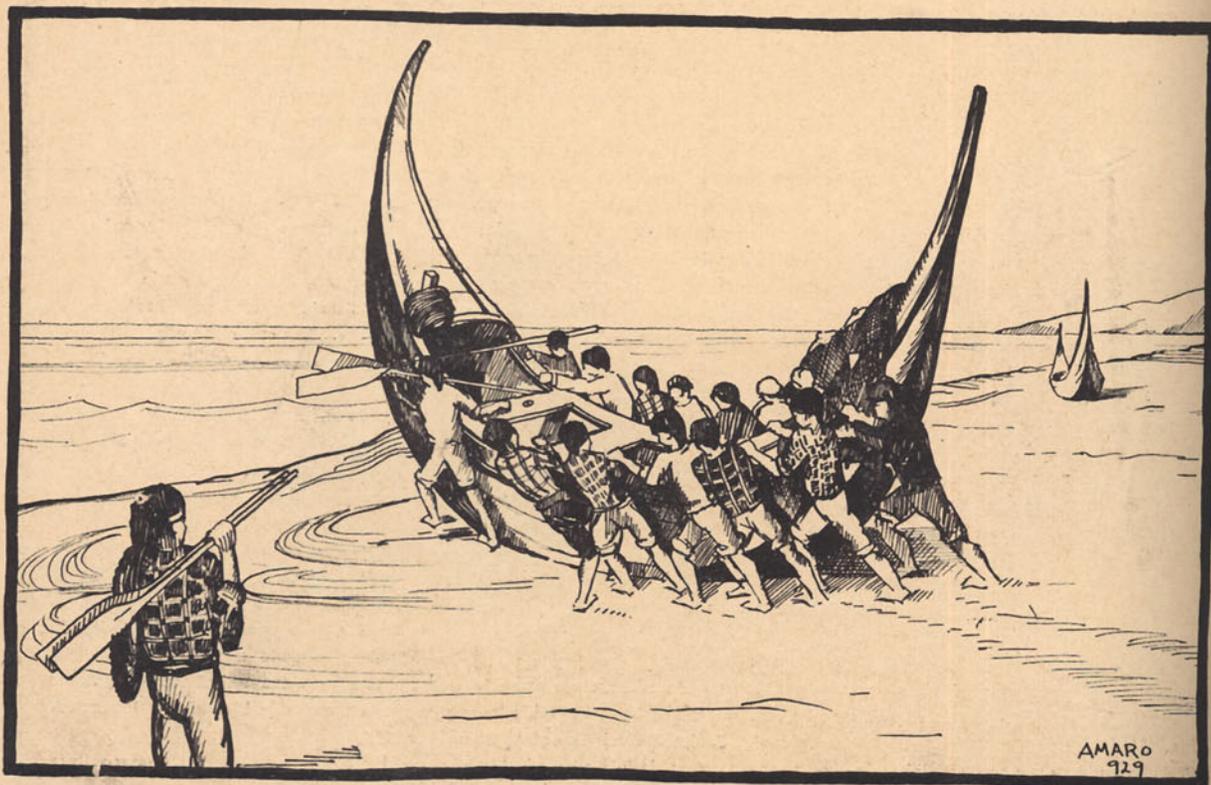
Pouca gente conhece a Costa de Caparica e desses poucos raríssimos terão observado de perto os costumes singulares da colônia de pescadores, que, há séculos, ali vive. Usos, tradições e hábitos que são já leis, são ali respeitados, conservados e seguidos como se a marcha do tempo lhes não houvesse tirado o propósito da hora. A mais complicada matemática preside às contas dos quinhões das rédes, o mais estranho e judaico mutualismo adianta alimentos às companhias nos

meses de crise, e ali, a dois passos da capital, nas barbas de tôdas as academias ilustres, se dá o caso miraculoso de haver réde que *ganha mais quando não mata sardinha!* Isto, porém, é tão complicado, tão difícil de explicar que não cabe nas páginas exíguas da *Ilustração*, conquanto merecesse um estudo demorado, que daria que pensar aos financeiros e à gente dos números.

Hoje, vamos falar de outra coisa. Vamos dizer ao leitor que os barcos, como os fun-

cionários dos ministérios, também têm a sua reforma, o seu subsídio de inabilidade, e que, longe das ondas, imóveis e quedos a meio das dunas claras, ainda têm personalidade moral, ainda existem, ainda ganham pão para os seus armadores. Vamos ao caso.

É de todos sabido que para a indústria da pesca de arrasto é necessário o barco. Na Costa de Caparica o tipo corrente é o chamado de «Meia lua», espécie de saveiro, grande e forte, que dá cabida a 19 ou 20 ho-



AMARO
929

mens e vai ao largo deitar a rede puxado à força de remos, daqueles enormes remos para quatro braços, que o levam sobre a crista das vagas, até ao ponto onde as subidas e descidas dos alcatrazes marcaram o «negro» da sardinha. De cada vez que um desses barcos entra no mar torna-se erêtor dum «quinhão de barcos» ou seja de uma certa percentagem no valor da colheita do peixe pescado nessa ocasião ou «a haver» em saídas futuras. Quere dizer: o barco tem conta corrente aberta com a Sorte e avalizada pelo Futuro...

Quando vem a «temporada», os lanços fartos compensam a crise e o barco recebe as «suas partes», acrescidas de certas alcavalas, que são o quinhão de archotes e outros.

Mas isto não vem agora para o caso. Isto pertence ao domínio da tal matemática complicada a que nos referimos no começo do artigo. Fica, porém, entendido, que o «Barco» vence um quinhão tôdas as vezes que, saindo da praia, vai ao largo deitar a varredora. É justo. O barco é uma ferramenta cujo uso tem de ser amortizado. O armador, que nele empregou capitais, precisa auferir rendimentos. Um barco não é menos do que um prédio ou um título da dívida pública... O que os leitores não sabem, porém, é o dom de «eternidade», chamemos-lhe assim, que possuem os barcos da Costa de Caparica. Nasce o barco, jovem entra no mar a primeira vez, com o bico da proa enfeitado de flores de junco, faz-se ao mar, volta da primeira saída com boa ou má sorte e continua a

sua vida tormentosa de pescador entre borrascas e calmões. Dura uns anos e, por fim, começa a padecer das ilhargas, entra-lhe o caruncho nas cavernas, começa, guloso de estôpa, a dar que fazer ao calafate, e, um belo dia, ao abicar, descido violentamente do dorso duma onda, enche-se de água... Puxam-no para terra, para longe da estomba das marés, o carpinteiro visita-o, ausculta-o, tenta rebater-lhe as cavilhas ferrugentas e, com um pouco de boa vontade, dá-o por «incapaz», como qualquer médico de ministério reprova um funcionário decrépito. Começa então para o Barco a vida de reformado. Parabens ao armador! Arrastam-no, movem-no pela última vez, vão deixá-lo a cavaleiro duma duma, calçam-no com defesas de pinho e para ali fica a ganhar para o dono.

Ganhar para o dono? — perguntará o leitor.

Pois fica. Enquanto tiver erguido no ar o bico da proa, a ponta mais alta da meia lua, o barco ganha. Ganha como se fôsse ao mar. Ganha tôdas as vezes que ontra embarcação do mesmo armador arreste as ondas... Ganha como um barco útil! E a companhia, a horda de míseros, não protesta. Sustenta o símbolo, dá de comer ao ídolo com a boa vontade de quem paga um dízimo ao templo!

As vezes o mesmo armador tem dois ou três inválidos a ganhar para êle; então, a companhia olha de sestralho os vultos recurvos, imóveis na arcia, mas paga, paga sempre...

Nos invernos ruins, quando o suão e as bâtegas põem em risco a carcaça do Barco e

o bico da proa, carunchoso na base, começa a oscilar, há mãos piedosas, mãos clandestinas de armador, que lhe erguem sobre a proa um alpendre feito de latas velhas, para que a chuva o não apodreça, para que o vendaval o não desfaça de todo, até vir a «temporada», até o invalido poder ganhar honradamente os últimos cobres da sua reforma...

Eu não disse ao leitor que havia Barcos Inválidos?...

Se uma vez ou outra um braço de velha itrepa o parasita ou um garoto onusado dá dois safanões na proa irreverente do Inútil, há sempre uma voz humilde que protesta:

— Já cá achámos isto... A gente não pode endireitar o mundo!

Mas se vêm os lanços pingues, se vêm as redadas milagrosas de Novembro, estalam foguetes, corre vinho nas canecas, há pão nas arcas e lume nas lareiras e ninguém mais pensa nêles, ninguém maldiz os barcos velhos, porque êles, os reformados, em tardes iguais, também ganharam, foram ao largo, com os pais dos pescadores de agora, deitar rês, que trouxeram, como estas, o pão e o vinho a tôlas as bôcas esfomeadas por quatro meses de falta.

Nessas horas de fartura alegre, ai da mão sacrilêga que se erguesse contra os Barcos, e tentasse escaqueirar os Ídolos e deturbar os Parasitas. Cairiam sobre ela seis séculos de Tradição, sob as espécies agressivas duma tecoveira de castanho.

CASTELO DE MORALS.

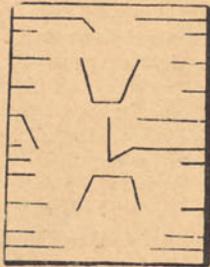


AMARO
929



Passatempo

PACIÊNCIA



Unir, por meio de dez linhas rectas, os extremos de outras dez, das contidas neste quadro, de modo que formem uma letra do alfabeto.



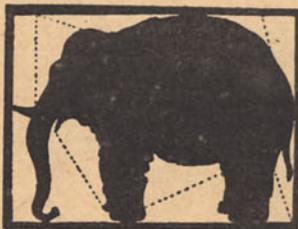
A peça nova não fôra um successo, e o autor, falando com um crítico de jornal, disse que «se consolava um pouco com o facto dela não ter sido assobiada».

— Também, não sei como alguém pudesse bocejar e assobiar ao mesmo tempo — foi a resposta desanimadora.



QUE ANIMAL É?

(Solução)



Recortados os bocadinhos de papel e collocando-os sobre o rectângulo preto, formase a silhueta de um elefante.

Na gravura pode vê-se a colocação dos recortes como foi preciso fazê-la, para se obter o animal que se procurava.



COUSA ASSENTE

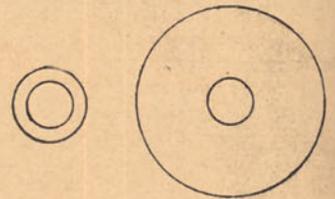
Há umas poucas de semanas que o alfaiate an lava fazendo tentativas para conseguir que o Soares, seu freguês, lhe pagasse a conta que lhe devia, mas sem resultado.

Sempre que batia à porta de casa do freguês, este tinha saído, até que por fim, um dia, encontrando-o no meio da rua, decidiu-se a não o largar sem que alguma coisa se tratasse com respeito à conta.

— Sr. Soares — disse o alfaiate com firmeza — tenho de insistir com V. Ex.^a para que façamos qualquer combinação definitiva. Há umas poucas de semanas que venho procurá-lo e não há meio de receber dinheiro nenhum. Não posso perder mais tempo com esta questão.

— Ah! mas com certeza! Farei o que quiser para lhe ser agradável — respondeu o Soares, condescendentemente. — Deseja então uma combinação definitiva? Pois bem, pode vir por cá tôdas as quintas-feiras de manhã. Convém-lhe?

ILUSÃO OPTICA



O círculo interior dos dois pequenos círculos concêntricos à esquerda parece ser maior do que o círculo traçado concentricamente no maior da direita; o que não é assim, porque os dois pequenos círculos são rigorosamente iguais.



O NEVES: — Não posso imaginar o que o Silva faz ao dinheiro. No fim da semana passada não o tinha, e hoje está outra vez sem êle!
O SOARES: — Quería que vax' lho emprestasse?
O NEVES: — Não, homem! Eu é que queria que êle m'o emprestasse.

C O L E C Ç Ã O B A R A T A

**O
RÉCORD**

DA EDIÇÃO DE LUXO
DE OBRAS DE VALOR
DE AUTORES DE NOME
POR PREÇOS POPULARES

UM VOLUME MENSAL
MAGNÍFICO PAPEL
CAPA A CORES
MUITOS CENTOS DE PÁGINAS

PREÇO:
4 ESCUDOS

ROMANCES ESCOLHIDOS ENTRE AS OBRAS PRIMAS DA LITERATURA MUNDIAL, ROMANCES DE AMOR, DE AVENTURAS, ROMANCES REALISTAS, IDEALISTAS OU DE ESTUDO PSICOLÓGICO, NOVELAS POLICIAIS OU DE MISTÉRIO. OS MELHORES NOMES DA LITERATURA PORTUGUESA E EXTRANGEIRA

PRIMEIRO VOLUME DA "COLECÇÃO BARATA"

ATLANTIDA A obra prima de
Pierre Benoit

MARAVILHOSO ROMANCE DE MISTÉRIOS, PAIXÕES E AVENTURAS NO SAHARÁ

**A SEGUIR NA
COLECÇÃO**

BARATA

**CADA VOLUME
COM CAPA
A CORES E
CENTENAS DE
PÁGINAS POR
4 ESCUDOS**

UM IDÍLIO TRÁGICO, de PAUL BOURGET. — CRIME E CASTIGO, de FEDOR DOSTOIEWSKI. — O DIABO BRANCO, a novela máxima da produção espanhola em 1928, por LUÍS DE OTEYZA. — O HOMEM QUE ASSASSINOU, de CLAUDE FARRÈRE. — GARRAS DE VELUDO, por IVOR MAC CHURCHIST. — O FILHO DA VOLUPIA, de GABRIEL D'ANNUNZIO. — DOIDA DE AMOR, de ANTERO DE FIGUEIREDO (da Academia das Ciências). — A CÓLERA DE DEUS, de LEONIDAS ANDREIEFF. — MEMÓRIAS DE SATANÁS, de LEONIDAS ANDREIEFF. — OS CAMPÓNIOS, de ANTON TCHÉKOFF. — BÓEMIA SENTIMENTAL, de GOMEZ CARRILLO. — O CALVÁRIO, de OCTAVE MIRBEAU. — O BOBO, de ALEXANDRE HERCULANO. — A TULIPA NEGRA, de ALEXANDRE DUMAS. — O HOMEM DE RAPINA, de JOÃO DE SOUSA PONSECA. — O BRACELETE DE RUBIS, de ALEXANDRE KUPRINE. — O EXTRANHO CASO DO DR. JKRYLL E MISTER HYDE, de L. STEVENSON. — O CRIME DE GRAMERCY PARK, de A. K. GREENE. — AVENTURAS EXTRAORDINÁRIAS DE RALPH WILLIAMSON, por IVOR MAC CHURCHIST. — O PADRE JÚLIO, de OCTAVE MIRBEAU. — UM CLUB DE MÁ LINGUA, de FEDOR DOSTOIEWSKI. — O EXPRESSO FANTASMA, por IRVING MAC CHEANG. — A ROSA AMARELA, de MAURÍCIO YOKAL.

TÓDAS AS CORRENTES LITERÁRIAS, DE TODOS OS PAÍSES, REPRESENTADAS
PELAS SUAS OBRAS MAIS EMOTIVAS

REEDIÇÕES DE CLÁSSICOS EDIÇÕES DE AUTORES NOVOS

Editores:

LIVRARIAS AILLAUD & BERTRAND

C O L E C Ç Ã O B A R A T A



O MARQUÊS DE POMBAL E A CIDADE DE LISBOA

Lisboa deve ao Marquês de Pombal o traçado perpendicular das suas ruas da Baixa. Hoje as modernas cidades americanas seguem essa orientação do genial homem de Estado português... O Marquês de Pombal viveu no século XVIII. Se êle vivesse no século XX!!! Com um telefone ditaria as suas ordens, espalharia a sua providente acção a toda a cidade.

O TELEFONE É O SIMBOLO DO PROGRESSO

É porque não ter telefone?
Ele custa apenas:

NAS RESIDENCIAS

Nada para instalar.
90\$00 durante 10 meses e depois
50\$00 por mês.
Nada pelas chamadas recebidas.
500 chamadas gratis.
Por cada chamada, além destas, 50,
45, 40 ou 35 centavos.

NAS OUTRAS CASAS

Nada para instalar.
120\$00 durante 10 meses e depois
80\$00 por mês.
Nada pelas chamadas recebidas.
1000 chamadas gratis.
Por cada chamada, além destas, 50,
45, 40 ou 35 centavos.

Informe-se pelo telefone 4200 ou escreva à Companhia, e um empregado procurará V. Ex.ª

THE ANGLO PORTUGUESE TELEPHONE COMPANY LIMITED

Rua Nova da Trindado, 43—LISBOA